



SENADO FEDERAL

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO

CRISE COM A BOLÍVIA

Amizade & interesses

(Discursos no Senado Federal)



Brasília - 2006



SENADO FEDERAL
Senador **ARTHUR VIRGÍLIO**

CRISE COM A BOLÍVIA:

**AMIZADE E
INTERESSES**

(Discursos no Senado Federal)

BRASÍLIA – 2006

Logo após o Governo de Evo Morales, na Bolívia, ter feito, na prática, a expropriação dos bens da Petrobras e da EBX naquele país e mandado tropas do Exército para ocupá-las, o Líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), ocupou a tribuna da Casa para reclamar, do Governo, firme posição em defesa dos interesses do Brasil. Seguem-se os discursos, com os apartes.

PROTESTO E BUSCA DE ENTENDIMENTO

(Dia 2-5-2006)

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o Governo Morales não nacionalizou o petróleo e o gás da Bolívia. Evo Morales expropriou instalações da Petrobras e também da siderúrgica EBX, de capital privado brasileiro.

O Brasil deve não apenas protestar com energia: deve buscar entendimento diplomático sempre e, se preciso, arbitragem internacional.

Lula não percebeu que está brincando com fogo. Ele se alia a duas figuras sinistras: Chávez e Morales. Essa união leva à radicalização em prejuízo da integração continental. O Uruguai já disse que sairá do Mercosul, pede a ajuda do Brasil na sua disputa com a Argentina. A América do Sul virou um barril de pólvora político, prestes a explodir.

Lula convocou reunião de emergência. Convocou tarde demais. Fico assustado quando ele diz que o Brasil foi pego de surpresa. Que surpresa? Isso era previsível desde a campanha presidencial de Morales. Somente Lula não sabia – como sempre, aliás.

Ao se mostrar simpático a Morales, Lula agravou a tensão no continente.

O Ministro Silas Rondeau disse que, apanhado de surpresa, o Governo estuda uma reação. O Ministério de Minas e Energia fala em rompimento. É uma linguagem, a meu ver, inadequada,

abusiva. O Planalto e o Itamaraty, acertadamente, usam outro linguajar.

No encontro do PT em São Paulo, Lula disse que vivem pressionando-o para brigar com Evo Morales e acrescentou: “Se eu não briguei com Bush, como é que vou brigar com Morales?” Os petistas, é claro, aplaudiram delirantemente. Fico perguntando-me qual a razão objetiva que ele tem para brigar com Bush. Se ele tivesse de brigar, brigaria, mas a comparação que ele faz chega a ser “infantilóide”. Ele não é iraquiano, não dirige o Iraque, não é iraniano. Ele dirige, e mal, o Brasil, e tem de defender os interesses brasileiros acima de injunções ideológicas. Em vez de brincar de ideologia, de grêmio estudantil, de presidência de sindicato, o verdadeiro papel do chefe de Estado é cuidar do interesse brasileiro com olhos estratégicos e com o espírito de um chefe de Estado, de um estadista efetivamente.

POLÍTICA EXTERNA E COMPANHEIRISMO

Preocupa-me, repito, saber que tipo de reação o Brasil vai adotar. A reação do Brasil deve ser fria, dura e incisiva. Se Lula não adotar linguagem dura com esses seus parceiros, o Brasil vai fazer papel de tolo no cenário da própria América do Sul, Senador Fernando Bezerra.

Está mais do que na hora de o Presidente Lula saber que, em política externa, não há companheirismo, não há relação sindical, partidária ou ideológica. Em política externa, prevalecem apenas os interesses de cada país. Com toda frieza, com toda cruzeza, em política externa, prevalecem apenas os interesses de cada país, de cada nação, de cada Estado.

Interesse para o Brasil não é o faraônico “transpinel”, o gasoduto bilionário idealizado por Chávez para rasgar a Amazônia com todos os danos ecológicos daí decorrentes. Há coisas mais simples e viáveis. Por que, por exemplo, o Presidente Lula não faz o gasoduto Coari–Manaus, que está ao alcance de suas mãos e, por esse intermédio, diminui a dependência em relação

ao gás boliviano? Por que não o faz de verdade, fora da fantasia dos *outdoors*? Morales, ao contrário do que entendeu nosso Governo, não adotou gesto apenas inamistoso, seu gesto foi catastrófico para a Bolívia e para o Brasil.

O Brasil vem cometendo equívocos graves no âmbito de sua política externa, e a forma pela qual Lula orienta a Chancelaria leva-nos a problemas ainda mais graves. Mantenho relações pessoais sólidas com o Ministro Celso Amorim, respeito-o intelectual e moralmente, o que não me impede de criticá-lo politicamente. O esfacelamento do Mercosul é um exemplo. O que se tinha de fazer não se fez.

APROVAÇÃO DO NOVO EMBAIXADOR

Ouçó o Senador Fernando Bezerra, Líder do Governo no Congresso Nacional.

O Sr. Fernando Bezerra (PTB – RN) – Senador Arthur Virgílio, ouço com muita atenção seu pronunciamento, sério como sempre, competente, e uma palavra autorizada de quem pertence, como V. Ex^a, ao corpo diplomático brasileiro. A situação é gravíssima. Ouvi aqui o Senador Romero Jucá, em nome do Governo, dar as explicações mínimas necessárias do encaminhamento que o Governo faz, mas compartilho com V. Ex^a a idéia de que este é um momento grave que requer uma ação dura do Governo. Hoje pela manhã tive oportunidade de conversar com o presidente da Fiesp, e são os empresários brasileiros que têm a preocupação de que este possa ser um momento ainda mais grave a comprometer a produção brasileira, uma vez que mais de 70% do gás boliviano é consumido no Estado de São Paulo, que é o grande produtor industrial, a grande locomotiva da produção brasileira. Estava ali presente um senador da Bolívia – não sei o nome de S. Ex^a –, que, de certa forma, vinha tranqüilizar de que não haverá desabastecimento e que os contratos seriam respeitados. É o mínimo que o nosso País pode fazer. Portanto, quero cumprimentar V. Ex^a. Quero dizer também que acho oportuna a decisão do Senador Antonio Carlos Magalhães

quando adverte que não podemos discutir nenhum nome de embaixador para a Bolívia sem que tenhamos de maneira muito clara uma descrição de como vai ser a nossa relação no futuro com aquele país. Quero dizer a V. Ex^a que o cumprimento por todo o seu pronunciamento e queria dizer também que essa é uma questão do Estado brasileiro; essa não é uma questão política. Mesmo quando se critica o próprio Presidente ou a democracia brasileira, isso se faz no sentido de encontrar caminhos. E creio que exatamente essa é a razão principal do pronunciamento de V. Ex^a. Portanto, congratulo-me pelo que aqui diz. Muito obrigado.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado, Senador Fernando Bezerra. Proponho, aliás, três coisas em conjunto: primeiro, aceitarmos a fórmula Antonio Carlos Magalhães/Jefferson Péres no sentido de se postergar, por pouco tempo que seja, a leitura e a deliberação sobre o relatório, do qual sou eu, aliás, o Relator desse caso do novo embaixador da Bolívia. E isso foi muito bem aceito pelo Senador Roberto Saturnino (*do PT – RJ, presidente da Comissão de Relações Exteriores*), que era algo – e não me surpreende que tenha sido assim – que levava mesmo a ponderarmos sobre um tema que não pode ser tratado de maneira corriqueira, como acabamos tratando os embaixadores que vão para países onde não há nenhum questionamento quanto à política externa brasileira.

RETORNO DO ATUAL EMBAIXADOR

O segundo dado, para mim, junto com as conversas que temos de ter com o Chanceler Celso Amorim, é pedirmos o retorno ao Brasil do embaixador, para as explicações que ele haverá de dar pessoalmente ao Chanceler, mas num gesto político também, de diminuir o peso da representação diplomática por um minuto, um mês ou dois meses na Bolívia – sei lá... É trazer-mos de volta o Embaixador Antonino Gonçalves, que, por sinal, é excelente profissional. Ele deixaria no seu lugar o encarregado de negócios *ad interim*.

E o terceiro – ênfase – é termos uma conversa na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional com o Ministro Celso Amorim. Creio que isso é essencial, Senador Roberto Saturnino, para que S. Ex^a nos passe detalhes que entenda que nos deva passar a respeito dessa intrincada questão.

Mas agradeço a V. Ex^a pelo aparte que só elucida o pronunciamento que tento elaborar. Muito obrigado a V. Ex^a.

O PERIGOSO JOGO DAS “AMIZADES”

Mas, Sr. Presidente, prossigo.

Agora, no caso da expropriação boliviana, Evo Morales retorna aos anos 50, com uma política que, já àquela época, não dava certo. O Mercosul, por tudo isso, está indo para o espaço nessa quadra. Não há, no Governo atual, qualquer perspectiva de incrementar o processo de integração regional. Hugo Chávez, da Venezuela, a meu ver, é irresponsável e bufão. Evo Morales, de igual modo, é bufão e irresponsável, com a agravante, para ele, de não dispor da fatura de petróleo com que conta a Venezuela. O presidente da Petrobras diz que a expropriação pode levar a situação dramática. Pior do que isto: a situação já é dramática. O Brasil vive um dos momentos mais perigosos com a radicalização à sua volta.

Em outros tempos, esse era o caldo de cultura para os mal-fadados e, se Deus quiser, extintos pronunciamentos militares. A diplomacia brasileira, e não é de agora – e sou diplomata –, infelizmente tem o hábito de justificar pontos de vista dos seus interlocutores: raciocina por ela e raciocina pelos outros. A hora, pois, é de manifestação dura e fria, como fazem outras escolas diplomáticas do mundo. Cuidar do interesse brasileiro, neste momento, e só do interesse brasileiro. Não há, repito, amizades; há interesses. Basta lembrar a “amizade” – estou aspeando a palavra amizade – com que Lula acenava em relação aos chineses em troca de inseguro apoio da China à reivindicação brasileira de integrar, como membro permanente, o Conselho de Seguran-

ça da ONU, reconhecendo assim ser aquele país uma economia de mercado.

Qual teria sido o resultado? O Presidente, por essa via, cumpriu mesmo com o compromisso de criar 10 milhões de empregos: três milhões aqui e sete milhões na China.

HORA DE PENSAR NA POBREZA DO BRASIL

O momento exige que o Presidente da República haja com firmeza. Quero o Presidente Lula, não com as mãos sujas de corrupção, nem com as mãos demagogicamente manchadas de petróleo, num gesto de ufanismo, dizendo que a auto-suficiência foi alcançada graças única e exclusivamente ao seu Governo.

Evo Morales adotou gesto contrário à própria Bolívia. Deixa de contar com novos investimentos brasileiros e ignora a tecnologia do nosso País nos setores de petróleo e gás, o que é grave para a Bolívia a médio termo. Foi gesto demagógico que, a curto prazo, faz média com a sofrida população boliviana, há muito espoliada, mas que a médio e longo prazos só leva ao desastre.

Toda opereta populista é assim: ruim no começo, pior depois. Não é hora de pensar na pobreza da Bolívia, é hora de pensar na pobreza do Brasil. O Brasil, recentemente, anistiou a parte que lhe cabia na dívida externa boliviana. De nada adiantou. O mundo está estarecido diante da agressão de Morales. Exemplo disso é a manifestação oficial do governo espanhol.

Todas as atenções do Brasil devem voltar-se, neste momento, para uma mobilização ativa. A radicalização pode produzir efeitos danosos para a economia brasileira. “Lula vai conversar com Morales por telefone”, dizem os jornais. Espero que seja uma conversa dura.

HORA DE CONVERSA DURA

O Sr. Roberto Saturnino (Bloco/PT – RJ) – V. Ex^a me permite um aparte?

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Já concedo a V. Ex^a. Espero que seja uma conversa dura, uma conversa vigorosa. Se fosse definir Lula, eu diria que, na política interna, seu Governo pecou por não coibir a corrupção. Pecou por mostrar-se inepto administrativamente e peca porque se mantém à base da propaganda. No foro externo, especializa-se em criar cobra venenosa em sua vizinhança.

Ao contrário do que diz a Petrobras, não estamos ameaçados de “apagão de gás”. Segundo especialistas, o Brasil já vive o “apagão”; já vem há um mês racionando o fornecimento a refinarias e às termoelétricas do Sul, do Sudeste e do Centro-Oeste.

Abro aspas para Míriam Leitão:

“O Governo brasileiro e a Petrobras erraram redondamente na Bolívia. A estatal acreditava que, por ser grande demais, não seria atingida. O Presidente Lula achou que controlava o companheiro Evo Morales. Era previsível fazer o que Morales fez.”

TEMOR DE DESABASTECIMENTO

Se me permite, Senador Alvaro Dias, ouço os três senadores: Senador Roberto Saturnino, Sibá Machado e Wellington Salgado, e encerro o pronunciamento em seguida.

O Sr. Roberto Saturnino (Bloco/PT – RJ) – Senador Arthur Virgílio, desnecessário ressaltar a importância do pronunciamento de V. Ex^a. Eu só queria apresentar essa questão do interesse brasileiro a ser defendido pelo Governo, a obrigação do Governo de fazê-lo, de uma forma não coincidente inteiramente com a forma que V. Ex^a defende e que o nobre Senador pelo Rio Grande do Norte também defendeu, como se os interesses da Petrobras, uma enorme empresa brasileira, a maior, coincidissem, efetivamente, com os interesses brasileiros, mas há outros interesses que não os da Petrobras diretamente atingidos. Por exemplo, a não-interrupção do fornecimento de gás é funda-

mental, é essencial ao interesse brasileiro, o que me parece estar resguardado pela própria declaração das autoridades bolivianas. Além disso, a política externa brasileira, com o nosso apoio, até entusiasmado, vem sustentando a prioridade na formação da comunidade do Mercosul e da Comunidade Sul-Americana de Nações. Quer dizer, isso também tem conseqüências sobre a definição do interesse nacional que transcende muito os interesses especificamente empresariais dos acionistas da Petrobras. É preciso levar em consideração essa questão em todo esse debate. Não quero dizer que V. Ex^a esteja errado e que eu esteja certo. Apenas quero dizer que há diferenças de óticas e de perspectivas que precisam ser levadas em conta neste debate importante, urgente, sim, que também não pode surpreender ninguém, conforme eu já havia dito no aparte ao Senador Alvaro Dias, porque, por repetidas vezes, esse ponto foi abordado pelo candidato à Presidência da República, Evo Morales. Cumprimento V. Ex^a pelo discurso e estou certo de que este debate trará frutos importantes no esclarecimento dessa questão para nós senadores e para a opinião pública brasileira.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senador Roberto Saturnino, não há, na verdade, discordância substancial, porque, para mim, é fundamental manter-se o esforço de diálogo diplomático, sem o Brasil deixar de insinuar sanções econômicas, se necessário, e o Brasil tem possibilidade de fazê-las.

Temo o desabastecimento porque os técnicos brasileiros e a tecnologia brasileira são essenciais para o funcionamento daquele sistema gaspetrolífero da Bolívia, aliás mais gasífero do que petrolífero. V. Ex^a tem toda a razão, não dá para o Governo dizer que não sabia, porque todos sabíamos, era um compromisso de campanha do Sr. Evo Morales e que agora ele concretizou.

Mais ainda, eu entendo que temos de aguardar inclusive a reação do Governo brasileiro em nota que será emitida pela Chancelaria daqui a pouco, para mais tarde voltarmos a nos pronunciar.

HORA DE POSIÇÃO ÚNICA NO PAÍS

Recebo a notícia de que a FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – está reunida neste momento para avaliar a situação, tentando quantificar o impacto disso para a economia brasileira. É situação preocupante e de fato não devemos aqui nos dividir; devemos procurar uma posição única, sem prejuízo do que eu possa pensar do Governo ou do que o Governo possa pensar de mim. Eu que agradeço a V. Ex^a pelo aparte.

Ouçó o Senador Sibá Machado

O Sr. Sibá Machado (Bloco/PT – AC) – Senador Arthur Virgílio, acho realmente que o tema já tomou conta da tarde de hoje. Ele não é de pouca importância e chama a atenção de todos nós. Acho pouco provável uma decisão dessa natureza, uma decisão abrupta, porque, se é verdade que a Petrobras representa 30% das receitas daquele país...

(Interrupção do som.)

O Sr. Sibá Machado (Bloco/PT – AC) – ... o encerramento do fornecimento de forma repentina vai provocar também um cerceamento de um repasse financeiro, que não é tão pequeno assim. O que me levou a fazer este aparte foram as informações que ouvi em vários pronunciamentos no sentido de que o Governo uruguaio teria pensado em encerrar sua participação no Mercosul. Li agora na internet a nota do governo uruguaio dizendo que isso não procede e que foram mal entendidas as palavras que o Presidente Tabaré Vázquez pronunciou em Washington. Na verdade, reitera que o Uruguai permanece, firmemente, no Mercosul. Agora, é claro, lembra que é preciso que haja uma maior atenção por parte do Brasil e da Bolívia no atendimento também dos interesses daquele país. Também volto a dizer que numa situação como essas, a via é a diplomática. Acho que o mundo inteiro está querendo evitar aquela situação que ocorreu durante a década de 70 e em boa parte da década de 80, quando se acomodava o capitalismo em todo o mundo, e os contratos

eram imperialistas, digamos assim. Acho que aqui está havendo – não sei se é o mais correto, não posso dizer isso – novo processo de diálogo, para que as nações mais pobres possam ser mais bem ouvidas e ter contratos cada vez mais salutares para as suas economias, como é o caso que estamos vendo aqui na América do Sul. Agradeço a V. Ex^a o aparte.

FORTALECIMENTO DO MERCOSUL

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – V. Ex^a me dá ótima notícia com a correção do posicionamento uruguaio, porque se não fizemos nós o Mercosul – e para mim ele está atrasado –, veremos nascer uma Alca de qualquer jeito às nossas costas, por acordos bilaterais da Alca com cada país do nosso subcontinente sul-americano.

Ouçó o Senador Wellington Salgado.

O Sr. Wellington Salgado de Oliveira (PMDB – MG) – Senador Arthur Virgílio, hoje na Comissão de Assuntos Econômicos falava com V. Ex^a sobre a relação entre as nações. V. Ex^a, que estudou no Itamaraty, conduz muito bem esse processo. Quanto a essa questão do Sr. Evo Morales, V. Ex^a acabou de dizer também que anistiamos uma dívida da Bolívia. É isso?

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – É, a parte que nos cabia da dívida externa boliviana foi anistiada.

O Sr. Wellington Salgado de Oliveira (PMDB – MG) – Não quero aqui misturar porque acredito sinceramente que o Presidente Lula foi iludido nesse assunto ou de alguma maneira conduzido. V. Ex^a diz que o que vale entre as nações é o interesse de cada uma na relação entre elas. Concordo plenamente com V. Ex^a. O que não pode acontecer é esse senhor vir ao Brasil, ser bem tratado – nós até anistiamos dívida da Bolívia – e levar o nosso cofre. Na verdade, foi o que ele fez. E agora? O que acontece? Do jeito que estão indo as coisas, daqui a pouco, como os técnicos da Petrobras são os que mais entendem de exploração do gás, ele vai prender todos lá, para ninguém ir

embora e continuarem a trabalhar. Eles precisam dos cérebros do Brasil que estão lá. Será este o próximo passo do Sr. Evo Morales: vai prender todos os técnicos da Petrobras que estão lá, para que a refinaria continue a trabalhar, porque eles não sabem como funciona aquele equipamento. É isso que vai acontecer. No entanto, é claro, vamos caminhar para discutir o assunto com outras nações, como sugeriu o Senador Sibá, é certo que vamos conversar, porque agora as decisões não são tomadas do mesmo modo que na década de 70. O que eu vejo, Senador Arthur Virgílio, é que ninguém está respeitando o Brasil. O Sr. Evo veio aqui, em nossa casa, foi bem recebido, disse que ia correr tudo bem e de repente vai lá, toma tudo que é da Petrobras, que investiu lá US\$1 bilhão. Esse dinheiro poderia ter sido investido aqui no Brasil. Poderia ter produzido gás em algum lugar aqui no Brasil. Agora nós somos reféns dessa situação, porque, como é que é, corta o gás? Não vamos comprar mais. Quebra a Bolívia e nós vamos juntos? Essa situação que ele coloca...

(Interrupção do som.)

O SR. PRESIDENTE (Alvaro Dias. PSDB – PR) – Eu gostaria de solicitar aos Srs. Senadores que desejam apartear que sejam sucintos, pois o tempo do Senador Arthur Virgílio já se esgotou há algum tempo. O tema é relevante, mas peço a compreensão dos Srs. Senadores.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, Senador Salgado, Senador Eduardo Azeredo, Senador Demóstenes, Senador Pavan.

O Sr. Wellington Salgado de Oliveira (PMDB – MG) – Vou encerrar, Sr. Presidente.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Eu encerraria respondendo de maneira bem telegráfica.

O Sr. Wellington Salgado de Oliveira (PMDB – MG) – Vou encerrar, Senador, só digo o seguinte: alguma coisa está errada, porque ele veio aqui, foi bem tratado, disse que não ia fazer nada, mas, ao chegar lá, tomou um bilhão do povo brasileiro. E nós ainda anistiamos a dívida da Bolívia! Acho que não está

respeitando o Brasil, não está levando em conta o potencial do Brasil. Começamos a pensar na década de 70: será que se tivéssemos um governo ditatorial ele faria isso? Se o Exército estivesse no poder, ele faria isso ou pensaria duas vezes? Não sei! Era isso que tinha a dizer, Senador Arthur Virgílio.

ESTÁ VIRANDO BRIGA DE TURMA

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado, Senador.

A violência cometida contra o Brasil já foi muito grande, mas não haverá de se estender aos brasileiros que trabalham no setor de gás da Bolívia. Creio que já foi bastante o que fizeram. Temos de coibir essa demasia já praticada pelo governo boliviano e manter o entendimento diplomático, como V. Ex^a reconhece que deve ser feito, buscando, a meu ver, vias que podem chegar à requisição da arbitragem internacional e, sem dúvida alguma, à ameaça pelo Brasil de sanções econômicas à Bolívia.

Agradeço muito o aparte de V. Ex^a, Senador.

Ouçó o Senador Eduardo Azeredo.

O Sr. Eduardo Azeredo (PSDB – MG) – Senador Arthur Virgílio, a política externa brasileira está, na verdade, colocada em xeque neste momento, porque o Presidente Lula vinha caminhando numa linha de supremacia na América Latina, de supremacia na América do Sul. Neste momento, vemos que o Presidente da Bolívia, recém-empossado, toma medidas contrárias a esse amigo brasileiro, como ele vinha tratando-o. E não dá para dizer que o Brasil foi surpreendido, porque ele deu sinais do que ia fazer. O Presidente Morales deu sinais de que ia tomar essa medida. Portanto, é um momento de reavaliação geral de nossa política de relações exteriores. Não é apenas um fato. Atrás desse, virão outros seguramente. Esse momento em que se unem Evo Morales e o Presidente da Venezuela mostra que o Brasil não deve seguir pessoas que têm mentalidade de 100 anos atrás, e sim que deve seguir pessoas que têm mentalidade atual,

especialmente quando se trata de defender os interesses do Brasil, os interesses de empresas brasileiras e dos brasileiros.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – V. Ex^a tem razão. Está virando uma briga de turma: Chávez e Morales contra Toledo. Agora, ainda vem o Humala, do Peru, dependendo do resultado da eleição; se não for o Humala, poderá ser o Alan Garcia, populista que originou a hiperinflação naquele país.

Realmente, tem sido uma quadra infeliz, muito infausta para o subcontinente sul-americano.

TEM-SE DE PENSAR NOS INTERESSES DO BRASIL

Ouçó o Senador Leonel Pavan.

O Sr. Leonel Pavan (PSDB – SC) – Senador Arthur Virgílio, eu não vou entrar na questão técnica – os números apresentados mostram o prejuízo que o Brasil vai ter –, mas na questão do desrespeito da Bolívia para com o Brasil e também no comodismo com que Luiz Inácio governa nosso País. O Luiz Inácio, pelo Brasil; Fidel Castro, por Cuba; Hugo Chávez, pela Colômbia; Evo Morales, pela Bolívia. Essa é uma turma “do trago e do charuto”. É um charuto aqui, um trago lá, e “pimba” no Brasil. É impossível que o Lula, que convive com esse grupo – eles batem um “fio” diariamente e encontram-se para um traguinho aqui, um charuto lá –, não soubesse o que estavam preparando contra o Brasil. Ou estão fazendo do Luiz Inácio um idiota. Porque se eles vivem juntos, se conversam... Até na campanha do Presidente da Bolívia foi dito que ele iria fazer isso, ele avisou que iria fazer. E, no entanto, Luiz Inácio Lula da Silva sentou com ele aqui, sentou lá, e o tempo foi passando, de uma forma ou de outra, e não tomaram providências, não avisaram ao Brasil. O povo brasileiro é um povo da paz. Meu Deus! Com tudo isso que está acontecendo, estamos quietos, estamos parados. É impossível que não tenhamos de tomar uma posição mais dura, drástica, em relação a tudo isso. Afinal de contas, me parecia que havia uma perfeita sintonia entre esses Presidentes com

Luiz Inácio. Só que estamos levando prejuízo, estamos perdendo para eles. O grande líder, o revolucionário Luiz Inácio Lula da Silva! Evo Morales entrou esses dias e já está dando um nó no gogó do Luiz Inácio Lula da Silva. Lamentavelmente, o Brasil perde, mais uma vez, pela incompetência do nosso Governo.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – O Presidente, de fato, faz essa confusão, ou seja, ele mistura amizade pessoal com relação de *status*. Ele é muito amigo de Fidel Castro. Fidel Castro o admira sinceramente, mas na hora de votar ou não em Sayad, o candidato brasileiro para o BID, Fidel Castro votou em quem quis, não votou em Sayad. Ou seja, não contamos com ele, não contamos sequer com Chávez, que pensa à moda dele na Venezuela. Pensa mal, mas pensa mal à moda dele na Venezuela. E o Brasil precisa, com mais firmeza e mais pragmatismo, pensar friamente no interesse brasileiro.

AMIZADE NÃO DERRUBA BARREIRAS TARIFÁRIAS

Senador Demóstenes, Senador Romero Jucá e, depois, Senadora Ideli.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Senador Arthur Virgílio, V. Ex^a faz a exploração do tema de uma maneira bastante perspicaz. Desde o ano passado, até antes, eu tenho feito alguns discursos dizendo que o Presidente Lula, em matéria de política externa, adotou o espetáculo, tentou voltar aos anos da ditadura militar para liderar o suposto terceiro-mundismo. E aí são as visitas externas à África, a países sul-americanos. V. Ex^a já relatou o fiasco que foi a tentativa da votação do brasileiro. Então, o que é que acontece? Acontece agora que, alguns países de esquerda, responsáveis, acabam fazendo até acordos bilaterais. O Chile não quer saber do Brasil. A Primeira-Ministra do Chile veio aqui, e todo mundo paparicando, de forma louvável. Só que a política chilena é completamente contrária à brasileira. O Chile fez acordos bilaterais com os Estados Unidos e com outros países, vem desenvolvendo – e muito bem – a sua política externa, enquanto nós estamos vivendo esse fiasco. O que aconte-

ceu? Aconteceu agora com o Sr. Evo Morales mais uma chicana: abusou do Presidente da República, como V. Ex^a bem disse, porque o Presidente confunde relações de Estado com relações de simpatia e de companheirismo. Já também tomou algumas do próprio cubano Fidel Castro, do Hugo Chávez, com esse chamado movimento bolivariano, que é uma irresponsabilidade, e agora está aí. A Petrobras foi nacionalizada coisa alguma; ela foi – podemos chamar assim – “calotizada”, deram o cano na Petrobras por um motivo muito simples: tem a Bolívia qualquer condição de fazer a indenização do gasoduto que já foi feito, dos investimentos que a Petrobras já fez? E agora? O que vai fazer o Presidente Lula? Vai fazer o quê? Vai invadir a Bolívia? O Presidente Lula vai se lamuriar nesse movimento bolivariano ou vai jogar flores para Iemanjá no lago Titicaca? O que vai fazer o Presidente Lula? Então, estamos numa encruzilhada em que uma empresa brasileira de porte vai contabilizar esse prejuízo e vai descer no seu *ranking*. E as outras empresas brasileiras? Nada. E o Presidente da República vai continuar, possivelmente, botando aquele enfeite no pescoço, como sempre fez, esperando o carnaval chegar, para botar o seu bloco na rua. E o carnaval para ele é a eleição do dia 1^o de outubro. Essa é que é a realidade. Parabenizo V. Ex^a pelo depoimento maduro, que mostra a realidade que estamos vivendo. Diante desse impasse, o que nós podemos fazer agora? Vamos esperar para ver o que vai brotar da cabeça do Presidente Lula. E, se for o habitual, não será boa coisa. Lembra V. Ex^a qual foi a grande obra que ele fez no Palácio do Planalto? Um galinheiro, não é verdade? Então, nós podemos ver qual será o nível da solução encontrada pelo Senhor Presidente da República.

O SR. PRESIDENTE (Alvaro Dias. PSDB – PR) – Senador Arthur Virgílio, apenas peço a sua colaboração, pois há ainda aparteantes: a Senadora Ideli Salvatti, o Senador Romero Jucá e o Senador Sérgio Guerra. Então, eu pediria para ficarmos nesses aparteantes apenas. Pediria, também, o exercício da capacidade de síntese dos Srs. Senadores.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Tem toda a razão, Sr. Presidente, de minha parte serei sintético. Antes de conceder o aparte ao Senador Romero Jucá, respondo ao Senador Demóstenes, dizendo que, no Governo passado, eram relações privilegiadas aquelas que uniam Clinton a Fernando Henrique. Isso não resolveu a questão das barreiras tarifárias e não-tarifárias que atrapalham o desenvolvimento ainda maior do agronegócio brasileiro.

PAPEL GEOPOLÍTICO DO BRASIL

O Presidente Bush vê com bons olhos – eu tenho convicção disso – o Presidente Lula. Ele entende Lula – aliás, essa é uma visão da política americana, a meu ver – como o ponto de equilíbrio no meio de toda essa confusão que aí está. Logo, é importante o papel geopolítico do País neste momento, e esse papel não tem sido aproveitado de maneira inteligente pelo Brasil, até para obter vantagem. Mas, se olharmos a macroeconomia, se olharmos tudo o que está em volta, o interlocutor, para se evitar que se alastre uma confusão muito grande no Brasil, sem dúvida alguma, é o Presidente brasileiro. Isso, por outro lado, não facilita a solução das pendências que nos separam dos Estados Unidos. É natural, país amigo os Estados Unidos. Sim, amigo, mas têm os interesses deles e nós temos os nossos interesses. E temos de ser frios, eles lá e nós cá, defendendo cada um o seu interesse e procurando convergir só na hora em que for bom para os dois. É assim que se faz diplomacia.

UM POUCO DE CONTRADITÓRIO

Senador Romero Jucá.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Meu caro Senador Arthur Virgílio, acho importante registrar um pouco o contraditório e, mais do que isso, ressaltar alguns aspectos que, acho importante, fiquem claros. Primeiro, dizer que o povo boliviano tem direito à autodeterminação. Nacionalizar o petróleo ou

gás na Bolívia é algo que o Brasil fez há décadas. Portanto, a discussão não é nacionalização; a discussão é expropriação, ou seja, como vai se dar a relação da nacionalização com as vinte empresas internacionais – e não é só a Petrobras – que operam hoje dentro da Bolívia. A segunda questão importante a dizer é que essa ação do Presidente Evo Morales não foi uma ação contra o Presidente Lula.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Tem a Bolívia dinheiro para pagar, Senador?

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Essa é outra discussão; eu vou chegar lá. Responderei a V. Ex^a no momento correto. Segunda questão: essa ação de nacionalização ou até desapropriação, no primeiro momento, precisa ser entendida na sua realidade como um todo. Por isso, o decreto, o dispositivo legal do Governo boliviano diz que, em 180 dias, vai se definir como ocorrerão as relações com as empresas exploradoras. Essa medida não foi contra o Presidente Lula. Desculpe-me quem está dizendo isso.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Foi a favor. Concorde.

TAPETE VERMELHO PARA MORALES

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – A decisão estratégica de comprar gás da Bolívia, fazer o gasoduto, pagar o preço que se pagou, a Petrobras investir um bilhão e quinhentos milhões na Bolívia foi tomada em 1996. E eu quero dizer que defendi isso aqui no plenário, porque era um papel importante de integração latino-americana e uma forma de dar vazão ao gás boliviano de que o Brasil necessitava. O Brasil fez uma opção. Em vez de buscar a auto-suficiência em hidrocarbonetos e gás, procurou a auto-suficiência em petróleo e resolveu comprar da Bolívia 50% do gás que produz. Essa compra foi construída e nós temos um contrato internacional. É importante que as pessoas saibam que a Empresa Petrobras Bolívia, a PEB, que explora gás na Bolívia, tem um contrato com a YPSB, a empresa estatal boliviana

que vende o gás. Essa empresa brasileira, Petrobras da Bolívia, é subsidiária da Petrobras da Holanda. Existe um contrato de fornecimento até 2019. Portanto, dentro do Direito Comercial Internacional, está garantido o fornecimento até 2019. O que se vai discutir? Houve um aumento de imposto de 50% para 82%. Isso vai impactar, num primeiro momento, a relação entre a Petrobras da Bolívia e a empresa estatal, porque é ela que comercializa esse gás que retiraram pela Petrobras boliviana. A partir daí, a relação comercial é outra: entre a estatal boliviana e a Petrobras brasileira e entre a Petrobras e as empresas privadas que compram o gás.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Se V. Ex^a me permite, Senador, V. Ex^a está falando de Direito Internacional.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Quero registrar que não há nenhum risco de desabastecimento, não há nenhum risco de aumento de preço dentro do Brasil para o fornecimento e o Governo brasileiro vai tratar o assunto com energia, com rigor; vai marcar um posicionamento – a Petrobras é uma grande empresa internacional –; vai defender seus investimentos, seus acionistas, inclusive o Governo brasileiro. E nós temos 180 dias para construir uma relação que respeite a autodeterminação da Bolívia, que dê à Bolívia o discurso político que ela quer ter e que é um direito dela. Não podemos ser imperialistas a ponto de querer que outro país da América Latina não tenha um posicionamento político que de repente desagrade as nossas questões. O comércio internacional, o investimento e a comercialização, isso sim tem de ser resolvido. Tenho certeza de que nesses 180 dias, além do posicionamento firme do Governo brasileiro, vai se chegar a uma posição comercial interessante, porque é importante para a Bolívia que compremos o gás da Bolívia. Se nós não comprarmos o gás da Bolívia, se houver um aumento de preço no gás da Bolívia, o Brasil vai comprar no mercado internacional, porque tem gás para ser oferecido.

O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA) – Senador Romero Jucá, não precisa tanto tapete vermelho para o Morales.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Não. Não estou falando... Estou dizendo apenas que há um limite comercial para isso e esse limite comercial será exaurido no processo de comercialização. Nós consumimos 70% do gás produzido na Bolívia. Se eles não venderem para o Brasil a curto prazo, não terão para quem vender. Portanto, acredito no entendimento e acredito na posição firme do Governo brasileiro. Obrigado.

O CONTRAPONTO

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito bem, Senador Jucá.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Senador Arthur Virgílio, apenas para fazer um contraponto ao que disse o nosso querido Senador Romero Jucá.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Seria um contra-aparte.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – É claro que o Direito Internacional não está sendo obedecido. O Senador está falando que temos direito, segundo o contrato, a obter esses benefícios até 2018. Nós não estamos falando de Direito Internacional. Nós estamos falando de expropriação, que é algo completamente diferente de cumprir os contratos. Se estivéssemos dentro das regras, então por que estaríamos aqui alardeando?

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Senador, haverá expropriação se não forem pagas as instalações brasileiras na Bolívia.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Creio que a minha resposta vai esclarecer a ambos.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Isso depende da negociação.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Creio que a minha resposta vai esclarecer a ambos.

O Sr. Demóstenes Torres (PFL – GO) – Que dinheiro tem a Bolívia para pagar?

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Está assegurada a palavra ao Senador Arthur Virgílio.

CONFUSÃO COM “ESQUERDISMO” DE MORALES

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Respondo ao Senador Romero Jucá, tentando, na verdade, colaborar com o raciocínio do Senador Demóstenes.

Meu prezado Senador Romero, a verdade é que o Brasil pode recorrer à Corte de Haia, porque está havendo, até o momento, a figura da expropriação e não da desapropriação. E não pode mesmo haver a figura da desapropriação, porque a Bolívia não tem dinheiro para arcar com essa despesa. Ponto. Não tem. A Bolívia não agüenta enfrentar a grita da comunidade internacional. A Bolívia revive mais um daqueles “governícios” que terminam levando à crise institucional. Estou aqui tentando raciocinar como brasileiro, sem pieguismo algum. Tenho a maior simpatia pelo povo boliviano, mas, neste momento, estou aqui como parlamentar do País, defendendo interesse do meu País, defendendo interesse do meu Brasil.

Evo Morales foi saudado como a emergência das esquerdas. Fizeram uma confusão brutal entre a Bachelet do Chile e Evo Morales. Evo Morales? Não sei nem se é de esquerda. Ela é. E tem tradição nesse sentido, é conseqüente, correta, inteligente, lúcida, compreende muito bem o momento que está vivendo e continuará transitando o Chile pelo caminho virtuoso que vejo esse país trilhar.

V. Ex^a teve razão em defender o gasoduto. O que está errado não é o gasoduto.

(Interrupção do som.)

IDÉIA ERA DE TROCA DE BENEFÍCIOS

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Concluo, Sr. Presidente.

Evo Morales errou, e não o gasoduto, que é uma obra de essencial relevância para os dois países.

A idéia era a Bolívia se beneficiar de investimentos brasileiros, de tecnologia brasileira e de mão-de-obra especializadíssima brasileira, para, juntos, os dois países tocarem um projeto de integração nacional em que o Brasil se beneficiaria do gás boliviano, e a Bolívia se beneficiaria das “capabilidades” brasileiras – expressão que não tem tradução nos dicionários brasileiros. Em inglês, é *capability*. “Capabilidade” significa um conjunto de possibilidades que a Bolívia tem, no caso do bem natural, e nós temos, no caso da tecnologia já armazenada por essa grande empresa que é a Petrobras.

Agradeço, Senador Romero Jucá, seu aparte.

IDA À CORTE DA HAIA, SE NECESSÁRIO

Concedo um aparte à nobre Líder Senadora Ideli Salvatti e, em seguida, ao Senador Sérgio Guerra.

A Sr^a Ideli Salvatti (Bloco/PT – SC) – Senador Arthur Virgílio, em primeiro lugar, é de fundamental importância fazermos uma diferença...

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

A Sr^a Ideli Salvatti (Bloco/PT – SC) – ... entre o que é e o que parece ser, até para podermos avaliar bem o que pode ser. É de fundamental importância termos a clareza da absoluta impossibilidade, inviabilidade econômica e técnica de haver qualquer problema de abastecimento do gás boliviano no Brasil. Essa é uma questão que reputo de fundamental importância. E quero dizê-lo como senadora de um dos estados brasileiros que consome única e exclusivamente gás boliviano. Essa foi minha preocupação desde o primeiro momento do dia de hoje.

Tive oportunidade de falar com o Presidente da Petrobras, Sérgio Gabrielli, tive a oportunidade de falar com a Ministra Dilma Rousseff. Com ambos falei pelo telefone. O abastecimento é algo absolutamente garantido. Se não fornecer gás ao Brasil, a Bolívia não terá muito para quem oferecer. Somos o principal consumidor do gás boliviano. E, depois, porque, para poder manter o abastecimento de diesel e gasolina, é preciso haver um processo de separação na Bolívia. E a Petrobras é, nada mais nada menos, responsável por 95% do refino boliviano. Portanto, não há como interromper o abastecimento. É tecnicamente impossível, economicamente inviável. É impossível de ser cortado. Tive, há poucos momentos, uma informação de Marco Aurélio Garcia, Assessor Especial para Assuntos Latino-Americanos do Presidente da República. O Vice-Presidente da Bolívia deu uma declaração determinante quanto à garantia do abastecimento. O decreto, como disse o Senador Romero Jucá, estabelece cento e oitenta dias para as negociações decorrentes das medidas de nacionalização adotadas pelo governo boliviano. Creio que é muito bom que tenhamos todo o cuidado. Tenho ouvido alguns pronunciamentos. E a impressão que me dão é de que, na decorrência do pronunciamento, já estão pedindo a invasão, a anexação ou medidas que não cabem na relação que historicamente temos, de respeito à autodeterminação e, principalmente, não cabem no respeito que devemos ter nas relações entre os países da América Latina nessa construção toda. Causa-me uma certa preocupação quando ouço determinadas insinuações, porque, dependendo de por onde vai o viés da nossa legítima insatisfação e categórica e necessária defesa dos interesses econômicos e de investimento do nosso País, da Petrobras nos países vizinhos, elas, em hipótese alguma, podem resvalar em óbice à livre determinação dos nossos povos. Pela democracia, gostemos ou não de quem os países vizinhos escolheram para governá-los, devemos respeito absoluto à autodeterminação dos povos, porque sempre exigimos que isso fosse feito para conosco. Então, que não paire no ar nenhuma gestão que não seja pela democracia, pelo respeito, pela busca da garantia dos nossos direitos nos

fóruns adequados. Tenho o entendimento de que, se nesses 180 dias os investimentos da Petrobras...

(Interrupção do som.)

A Sr^a Ideli Salvatti (Bloco/PT – SC) – ...na Bolívia não forem respeitados, devemos recorrer a todas as instâncias, até defender nossos direitos internacionais nas cortes internacionais, mas sabendo respeitar quem – por menos que alguns aqui gostem – o povo boliviano elegeu para governá-lo e os interesses desse país e fazendo com que eles respeitem, por meio da diplomacia e das tratativas de negociação, os interesses da Petrobras e do Brasil. Então, Senador Arthur Virgílio, faço essas ponderações, porque acho que, neste momento, para podermos saber o que propomos e como propomos, é preciso entender por que determinadas atitudes estão acontecendo na Bolívia, com determinado grau de maior virulência ou de maior contundência, e é preciso diferenciar entre o que é e o que parece ser. Se não fizermos essa diferenciação, talvez tenhamos atitudes e discursos que não ajudem efetivamente nesse grande esforço. Por exemplo, quanto à questão dos investimentos da Petrobras na Bolívia, não foi o nosso Governo que decidiu. Foi uma decisão de país que consideramos correta e devida e que precisa ser preservada, se alguma coisa do nosso interesse deste investimento não vier a ser mantido pelo governo boliviano.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito bem. Antes de mais nada, saúdo a presença no plenário desta Casa do ilustre Deputado Carlos Abicalil, mato-grossense.

Respondo à Líder do PT. Senadora Ideli Salvatti, a curto prazo, tampouco eu vejo risco de desabastecimento, mas não sei quanto a médio prazo.

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

O Brasil tem o dever de, se necessário, ir à Corte da Haia, tem o direito e o dever de impor sanções econômicas ao sentir que seus interesses estão sendo atingidos – e precisa fazer isso com firmeza.

Vejo problema quanto ao abastecimento em algumas hipóteses: se tivermos problemas políticos na Bolívia a curto ou médio prazo; se não souberem manejar com correção técnica o complexo que passam a herdar com a expropriação que fizeram; e se o quadro político boliviano deteriorar-se, até porque prevejo uma situação de isolamento para a Bolívia, levando em conta a atitude tresloucada, que não cabe contemporaneamente, do Presidente Evo Morales.

Agradeço a V. Ex^a o aparte. De minha parte, haverá um senso de maior construtividade, para que o interesse nacional seja preservado.

LULA E PT GOSTARAM DA ELEIÇÃO DE MORALES

Concedo aparte ao Senador Sérgio Guerra, que é o último aparteante. Sr. Presidente, agradeço a V. Ex^a, penhorado pela gentileza com que sempre cumula este seu colega.

O Sr. Sérgio Guerra (PSDB – PE) – Senador Arthur Virgílio, gostaria primeiro de parabenizá-lo pelo seu pronunciamento em um campo do conhecimento que V. Ex^a domina. Trata-se de um discurso seguro, patriótico, que qualquer brasileiro deveria subscrever, mesmo não sendo opositor. Segundo, quero dizer que já vi e ouvi, certa vez, um discurso do Presidente Chávez, de quem estava próximo o Presidente Lula. O Presidente Chávez dizia as coisas mais precárias do mundo, aberrações, muitas das quais a distância das leis e dos contratos, e o Presidente Lula estava ali ao lado aplaudindo, física e concretamente, as palavras tresloucadas do Presidente Hugo Chávez. Essa prática de convivência com esse tipo de liderança seguramente não dá certo, não preserva o interesse nacional, como se demonstrou agora. Por último, o Governo brasileiro seguramente vai encontrar uma forma criativa para dizer que tem razão e, tendo em vista a criatividade do Governo, sempre, nesse caso, há alguém que resolva – o BNDES. Não vai faltar quem sugira ao BNDES emprestar dinheiro ao Governo da Bolívia, para que possa indenizar a Petrobras. Essa vai ser a saída inteligente do

Governo atual diante da trapalhada em que se envolveu em relação a um governo que apoiou até agora.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Tem que aspear a palavra “inteligente.”

O Sr. Sérgio Guerra (PSDB – PE) – E não se trata de dizer, como ouvi há poucos instantes, “gostem ou não gostem do Presidente Evo Morales”. Não. O Governo do Presidente Lula e o PT gostaram da eleição do Presidente Morales e o disseram a quem quisesse ouvi-los.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Gostaria de encerrar, Sr. Presidente.

MANIFESTAÇÃO DA PRESIDÊNCIA DO SENADO

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Senador Arthur Virgílio, antes que V. Ex^a encerre, não é praxe, mas gostaria de dizer algo com relação ao assunto que V. Ex^a está a abordar.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Pois não, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – Não há outro caminho para o Governo senão ser duro, muito duro, ser firme, muito firme na defesa do Estado brasileiro e da Petrobras. Essa coisa – desculpe-me, Senador Romero Jucá – de que não vai haver problema com o preço do gás, nenhum prejuízo à demanda, ao suprimento do mercado nacional, não tem nada a ver. São conseqüências. Não podemos é ser condescendentes com quebra de contrato, com insegurança jurídica, com esse desvario que está acontecendo contra o nosso País.

Penso que essa é a posição de dureza que o Governo tem de tomar. E o Congresso brasileiro tem de efetivamente cobrar para que essas coisas não voltem a acontecer.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Obrigado, Sr. Presidente. Fico muito honrado por ter sido aparteado por V. Ex^a,

o que, de fato, não é a praxe, mas só me deixa feliz, porque percebemos a força e o peso desse tema para o País.

Vejo problema de ameaça de desabastecimento, sim, a médio prazo. Vejo problema de encarecimento, sim, com certeza. E vejo, Sr. Presidente, já respondendo ao Senador Sérgio Guerra, algo muito grave, que é o Presidente Lula ter abdicado da liderança. É a primeira vez que um presidente brasileiro faz isso. João Goulart, no meio da sua crise, não fez isso. Collor também não o fez no meio da sua crise. É a primeira vez que um presidente abre mão da liderança da América do Sul.

Quando vemos Chávez e Lula juntos, Lula segue Chávez. Essa que é a verdade. E Chávez expandiu – a meu ver, tresloucadamente – a sua influência sobre a América Latina, fazendo circular mais dinheiro da Venezuela na Argentina do que até do FMI. Chávez hoje sustenta Cuba como Cuba era sustentada no passado pela União Soviética.

(Interrupção do som.)

LULA TEM DE DEFENDER O BRASIL, NÃO A BOLÍVIA

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Ele pensa, Sr. Presidente, em hegemonia, sim. Lá, ele é uma espécie de Bonaparte dividido não sei por quantas vezes.

Senador Sérgio Guerra, tenho certeza absoluta de que estamos vivendo um momento delicado. Tem razão o Presidente Renan Calheiros, é preciso ter firmeza e defender o interesse nacional.

Há uma frase do Presidente Lula assim: “Não posso ir contra um país pobre como a Bolívia”. É que a propaganda aqui é tanta e é tão mentirosa que o Presidente Lula acha que o Brasil já não é um país pobre. O Brasil é um país pobre e de pobres. E é um país que precisa defender seus interesses.

Um presidente não se elege para se preocupar com a Bolívia em primeiro lugar, mas sim para se preocupar com o Brasil

em primeiro lugar. Portanto, é necessária a firmeza, sim, do Governo brasileiro.

Ouço o Senador Romero Jucá.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Senador Renan Calheiros, eu pedi a palavra por ter sido citado, porque creio ser importante prestar um esclarecimento. Em nenhum momento aqui eu disse que o Governo brasileiro não seria firme, não seria duro e não defenderia a Petrobras, pelo contrário, eu o reafirmei nos dois pronunciamentos que fiz. O que fiz também, respondendo a questões colocadas, foi dizer que não haveria risco de desabastecimento, que a questão do preço seria encaminhada e que a Petrobras trataria disso. Esse foi um assunto complementar. O Governo brasileiro vai tomar uma posição firme sim. O Presidente Lula vai defender os interesses do País, da Petrobras. A Petrobras vai defender os seus próprios interesses, porque é uma empresa internacional, com acionistas, inclusive internacionais. Portanto, o que fiz foi exatamente corroborar todas as posições que estavam sendo ditas aqui. Agora, disse sim que acredito no entendimento, na negociação, porque o gás da Venezuela precisa ser vendido para o Brasil, senão aquele país não terá como dar destinação a um preço justo.

PALAVRAS DE UM ESPECIALISTA

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – É isso que se espera, Senador Romero Jucá.

O Senador Tourinho é um especialista no assunto, e não podemos encerrar sem ouvi-lo. Em seguida, ouço a Senadora Heloísa Helena, se S. Ex^a mantiver o pedido de aparte.

O Sr. Rodolpho Tourinho (PFL – BA) – Senador Arthur Virgílio, vou fazer um pronunciamento, ainda hoje, sobre essa questão do gás...

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Estarei aqui para ouvi-lo.

O Sr. Rodolpho Tourinho (PFL – BA) – Mas gostaria de abordar dois ou três pontos que foram suscitados aqui. O primeiro é a questão o preço. É claro que o preço do gás vai aumentar, não há dúvida alguma, Senador Jucá, porque houve uma sobretaxação, uma nova taxaçoão sobre o gás. A taxaçoão do gás, até o ano passado, era de 18%; com o Presidente Morales, passou para 50%; e agora passou para 82%. Então, o preço do gás já está afetado a partir de hoje. Esse é o primeiro ponto. O segundo ponto diz respeito ao desabastecimento. Tecnicamente, a questão da refinaria – item apontado pela Senadora Ideli – não tem nada a ver com o gás. O fato de processar-se o petróleo na refinaria e de ser necessário fazer a separação dos seus derivados nada tem a ver com o gás. Então, pode haver desabastecimento; isso não é razão de impedimento. Quero, por último, registrar o seguinte: há cerca de vinte dias, por questões de chuva e pela posição política dos opositores de Morales, quase faltou gás aqui. A Petrobras chegou a anunciar um racionamento. Eram essas as questões, Senador Arthur Virgílio, mas voltarei ao assunto hoje. Lembra aqui, com muita propriedade, o Senador Antonio Carlos – e é o ponto pelo qual vou começar a falar – que o projeto que fiz do marco legal do gás foi lançado exatamente no dia em que a taxaçoão passou de 18% para 50%. Naquele dia, em julho do ano passado, nós apressamos a conclusão do nosso projeto e o apresentamos. Voltarei a esse assunto depois. Agradeço o aparte que V. Ex^a me concedeu.

AUMENTO DE PREÇO

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Ministro Rodolpho Tourinho, na verdade, não há mesmo como não aumentar o preço. V. Ex^a tem razão. Eu aqui já havia feito referência à questão das chuvas e ao racionamento para refinarias e termelétricas do Sudeste.

Não vejo como essa fórmula explosiva de alguém com o perfil de Morales no poder, tomando a atitude que tomou, não resultar em desabastecimento. Não vejo como!

Agradeço muito a V. Ex^a e estarei aqui atento para ouvir o seu abalizado e especializado discurso.

RESPEITO E DISCORDÂNCIA TOTAL

Ouçõ o aparte da Senadora Heloísa Helena.

A Sr^a Heloísa Helena (PSOL – AL) – Senador Arthur Virgílio, é sempre um debate muito interessante falar sobre o interesse nacional, porque, às vezes, o nosso interesse nacional pode significar uma atitude imperialista, tal qual as atitudes que condenamos quando vindas dos Estados Unidos. E nós defendemos o interesse público também. Tento me pôr no lugar do presidente boliviano. Se estivéssemos em uma situação, aqui no Brasil, em que uma empresa estrangeira estivesse explorando 98% da capacidade de refino do Brasil; processando, em média, quarenta mil barris de petróleo e líquido de gás natural por dia – como nós, com a Petrobras, fazemos lá –; atendendo a 100% da demanda de gasolina aqui no Brasil e 70% do óleo diesel consumido. É evidente... Sinceramente, não entro nessa cantilena capitalista de segurança jurídica, contratos... Em nome do interesse público podem-se unilateralmente romper contratos. Isso está na legislação brasileira e na legislação internacional. Em nome do interesse público podem-se unilateralmente romper contratos! Se os contratos são lesivos ao interesse público, seja na Bolívia ou no Brasil, é claro que se pode fazer isso. É óbvio! De repente, um governo desmoralizado entrega uma parte importante do patrimônio nacional ou faz um contrato – em nome dos equilíbrios econômico-financeiros contratuais – lesivo ao interesse público nacional... Agora, isso não vai dar em nada. Isso vai se resolver! Não tenho dúvida. Agora, há razão em se dizer que pode haver o aumento do preço do gás. É claro! Se a Petrobras compra o gás boliviano por um preço abaixo de qualquer referência internacional, é claro que haverá aumento de preço do gás no Brasil. É importante deixar claro que o governo boliviano está agindo em nome do interesse público da Bolívia. Infelizmente, a defesa do interesse público da Bolívia colide dire-

tamente com o interesse público brasileiro. Isso é fato. Contudo, não haverá problema algum. Não haverá problema em relação ao abastecimento, não tenho dúvida. Acabemos com os delírios persecutórios! Mas o aumento do preço do gás vai acontecer, pois o Governo boliviano exige o aumento do preço do gás à luz do preço estabelecido no mercado internacional. Se estivéssemos nas mesmas condições da Bolívia, sendo explorados a um preço abaixo do preço praticado no mercado do gás, duvido que um presidente brasileiro não faria absolutamente o mesmo. Quero apenas deixar isso claro. Que o Governo brasileiro irá fazer as negociações, irá; que defenderá o interesse público nacional, defenderá; não haverá crise de abastecimento; aumento no preço certamente haverá; e o próprio Estado brasileiro pode estabelecer mecanismos de compensação, de subsídio, para que o preço aumentado na Bolívia não signifique um aumento dos custos maior do que o que já existe no Brasil.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senadora Heloísa Helena, querer bem a V. Ex^a já quero e isso é irrecorrível. Respeito V. Ex^a politicamente, precisamente pela sua coerência e pela sua coragem. V. Ex^a fez um aparte de enorme coragem. Não concordo com uma só palavra do que foi dito...

(Interrupção do som.)

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – ...mas respeito sobremaneira a altivez com que V. Ex^a, muitas vezes, rema contra a corrente.

Penso diferente de V. Ex^a, porque, para mim, o interesse público boliviano está em cumprir contratos, em inserir-se na comunidade internacional, em atrair cada vez mais investimentos e em não se isolar, como me parece que vai a Bolívia se isolar, a persistir nessa linha adotada até então pelo Sr. Evo Morales. V. Ex^a entende o contrário e eu respeito.

O Governo Lula é que precisa sair da coluna do meio, dizer qual é a dele, o que ele quer e o que ele não quer, porque queria a eleição de Evo Morales e agora se queixa amargamente de

algo que ele apoiava, quando tacitamente gostava da eleição de Evo Morales.

CONCORDÂNCIA DA SENADORA

A Sr^a Heloísa Helena (PSOL – AL) – Está aí algo em que concordo com V. Ex^a. Não concordo com a avaliação anterior que fez, mas com isso sim, porque é a velha história dos cristãos: ou quente ou frio; morno, vomita. Não se serve a Deus e ao Diabo ao mesmo tempo. Fazer discurso conforme a capacidade auditiva ideológica dos ouvintes é vigarice política, não significa nada de ideológico – fazer um discurso para uma platéia de esquerda e outro completamente distinto quando há uma platéia de direita. Essa ambivalência não serve ao caráter pessoal das pessoas, muito menos do ponto de vista ideológico. Então, discordo de tudo o que V. Ex^a disse, mas lutarei até a morte para que tenha o direito de dizer – já o dizia o velho Voltaire e o meu querido Suplicy.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – No caso do nosso Presidente, a cabeça é a mesma; o boné é que muda toda hora.

Ouçõ o Líder Fernando Bezerra e o Senador Garibaldi Alves para encerrar.

O Sr. Fernando Bezerra (PTB – RN) – Senador Arthur Virgílio, tive o privilégio de apartear V. Ex^a no início de seu brilhante pronunciamento.

PROPOSTAS DE SENADORES

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Agora o meu privilégio é dobrado por recebê-lo outra vez no meu discurso.

O Sr. Fernando Bezerra (PTB – RN) – Muito obrigado a V. Ex^a. Inclusive, não quero mais tecer comentários sobre isso. Queria apenas trazer como sugestão, aproveitando o pronunciamento de V. Ex^a, devido à gravidade do momento, que o

Presidente Renan Calheiros pudesse fazer uma reunião com os líderes, já que essa é uma questão de Estado, uma questão que diz respeito a todos nós brasileiros. Proponho uma reunião com os líderes e com o Presidente da Comissão de Relações Exteriores para que o Congresso Nacional possa acompanhar de perto e tenha uma participação neste momento grave. Considero isso fundamental. Quero também me associar e cumprimentar o Presidente Renan Calheiros pelas palavras que aqui proferiu sobre o tema. Agradeço mais uma vez a V. Ex^a.

O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA) – V. Ex^a me permite um rápido aparte?

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Pois não, Senador.

O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA) – Fiz uma proposta e gostaria que o Presidente Renan Calheiros a acolhesse. Não temos condições de votar o embaixador do Brasil para a Bolívia com essa situação, em que estamos humilhados. Dessa maneira, pedi à Presidência da Comissão e ao Relator, que concordou, assim como o Senador Jefferson Péres, que a votação do embaixador fosse adiada.

(Interrupção do som.)

O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA) – Deveríamos retirar a matéria e não mandar agora um embaixador para lá. Isso é uma vergonha e fere os brios nacionais.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senador Renan Calheiros, enfatizo a proposta do Senador Fernando Bezerra e ratifico minha adesão à proposta do Senador Antonio Carlos, que foi formulada por ele e pelo Senador Jefferson Péres, e tivemos a concordância do Presidente da Comissão, Senador Roberto Saturnino, quando entendeu que, de fato, não era para se votar a toque de caixa o novo embaixador.

Está lá um embaixador muito bom, Antonino Gonçalves, diplomata de primeiro nível, que, a meu ver – e tem razão o Senador Antonio Carlos –, deveria ser trazido de volta para

conversar com a chancelaria e com o Congresso. Enquanto isso, ficaria lá o encarregado de negócios *ad interim*. Essa já seria a primeira pressão do Governo brasileiro: deixaríamos de ter um embaixador pleno para termos apenas o encarregado de negócios *ad interim* enquanto se conversa para ver a solução. Tem razão V. Ex^a.

O Sr. Antonio Carlos Magalhães (PFL – BA) – Se nós, que mantemos relações com os Estados Unidos, estamos sem embaixador daquele país aqui há mais de oito meses, por que não podemos fazer o mesmo com a Bolívia? É por isso que exijo reciprocidade em todos os sentidos com todos os países que têm relação com o Brasil.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Tem razão.

DEFESA DO GASODUTO COARI-MANAUS

Ouçõ os Senadores Garibaldi Alves Filho e Romero Jucá.

O Sr. Garibaldi Alves Filho (PMDB – RN) – Senador Arthur Virgílio, também quero me associar a V. Ex^a e a todos os pronunciamentos que foram feitos no sentido de uma posição firme e clara do Governo brasileiro, assim como queremos, como disse o Senador Fernando Bezerra, que o Senado se incorpore a essa mobilização. Agora, o nosso País deveria aprender uma lição com essa crise, já que o Brasil tem essa dependência de 30 milhões de metros cúbicos por dia com relação ao gás da Bolívia: o nosso País deveria dar mais prioridade à exploração do gás, deveria ser mais agressivo com relação a esse setor.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Obrigado. E que não me chamem de provinciano, os de fora, quando insisto na construção do gasoduto Coari–Manaus. Muito obrigado a V. Ex^a.

Com a palavra o Senador Romero Jucá.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Senador Artur Virgílio, apenas para colaborar com o debate, quero dizer que o Governo brasileiro tem todo o interesse em clarificar a posição, em

debater essa posição. Acabei de manter contato com o Ministro Silas Rondeau e com o Presidente da Petrobras, que se colocaram à disposição. Quero sugerir ao Senador Heráclito Fortes, Presidente da Comissão de Infra-Estrutura, e ao Senador Luiz Octávio, Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos, que façamos uma audiência, pois os dois estão à disposição para virem quando as Comissões convidarem, para debatermos efetivamente e ver as providências que o Governo brasileiro está tomando.

PROPOSTA PARA OUVIR O CHANCELER

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, concordo com o Senador Romero Jucá. Até indago dos Senadores Roberto Saturnino e Romeu Tuma se não seria bom vir também o Chanceler Celso Amorim, para cuidarmos do assunto de maneira global, como um todo.

O Sr. Roberto Saturnino (Bloco/PT – RJ) – Senador Arthur Virgílio, acho importante a presença do Ministro das Relações Exteriores. Penso até que, no caso, o Ministro é que teria um desafio maior, porque se trata de uma decisão que se interpõe na relação diplomática entre Brasil e Bolívia. Então, não é meramente uma questão empresarial ou energética, é, sobretudo, uma questão de relações exteriores. Então, estou de acordo com V. Ex^a, mas pode ser uma audiência conjunta, das três Comissões. Enfim, é importante esclarecer, até porque estamos aqui a discutir um assunto muito importante sem saber, efetivamente, que condições estabelece o decreto do Presidente. Pelo que eu estou informado, o decreto é absolutamente genérico e dá um prazo de 180 dias para que as condições sejam estabelecidas. Então, é um tempo de negociação que precisa ser utilizado, mas nós devemos estar informados do que se passa. Assim, estou de acordo com a convocação ou o convite ao Ministro das Relações Exteriores para estar diante das comissões técnicas.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado. Agradeço a V. Ex^a.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Apenas para registrar, eu queria que nós apresentássemos esse requerimento de convite em conjunto.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sem dúvida.

O Sr. Romero Jucá (PMDB – RR) – Ele seria assinado por todos nós, para que seja da Casa.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sem dúvida. Podemos pedir ajuda à assessoria de algum de nós.

O SR. PRESIDENTE (Renan Calheiros. PMDB – AL) – A Mesa aguarda o requerimento.

RECEIO COM POSSÍVEL INSTABILIDADE NA BOLÍVIA

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, digo a V. Ex^a apenas que esses 180 dias parecem, Senador Saturnino, um prazo bom. O meu medo é que, levando em conta que a questão não foi apenas com uma empresa importantíssima para a Bolívia, como a Petrobras, pois envolve interesses privados de vários países e interesses internacionais, estatais ou não, de diversos países, o meu medo é que, nesses 180 dias, possa acontecer algum percalço político para a Bolívia, o que não é novidade naquele país, infelizmente.

Entendo que precisamos ter uma posição brasileira firme, de modo a resguardarmos, de maneira nítida, cada investimento brasileiro feito ali, que a meu ver não é investimento ruim para a Bolívia, nem imperialista, pois o Brasil não tem essa vocação; é investimento bom para a Bolívia e necessário para o País.

EXPROPRIAÇÃO, NÃO NACIONALIZAÇÃO

Concedo apartes aos Senadores Romeu Tuma, Heráclito Fortes e Roberto Saturnino, novamente.

O Sr. Romeu Tuma (PFL – SP) – Senador, eu apenas queria cumprimentar V. Ex^a. A amargura tomou conta de todos nós, primeiro em razão do apoio ostensivo que o Presidente Lula

deu ao Presidente da Bolívia, eleito legalmente, constitucionalmente. Fiquei muito triste, Senador César Borges, quando vi tropas do Exército boliviano tomarem conta da refinaria da Petrobras, como se um crime tivesse sido praticado pela empresa naquele país. Aquilo chocou mais, talvez, do que o decreto que ele baixou, muito genérico, como disse, sem um arrazoado muito claro. Requeri à Comissão de Relações Exteriores a presença do Presidente da Petrobras para nos explicar o que aconteceu. Também requeri a presença do Presidente da siderúrgica, porque se disse que a fábrica foi fechada porque não pagou imposto, porque houve problemas com área de ecologia, e a própria população local, amarguradamente, tenta manter a fábrica, que é o ganha-pão deles, porque o Brasil levou para lá um grande investimento.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Estava para investir mais US\$1,5 bilhão de dólares.

O Sr. Romeu Tuma (PFL – SP) – E estão impedindo que a fábrica seja desmontada e levada para o lado brasileiro, porque dizem que vão assumir tudo para pagar dívida. Que dívida? Então, tem de vir aqui o Presidente da empresa, além do Ministério das Relações Exteriores e todos os que V. Ex^a propõe para que saibamos o que realmente aconteceu e o que está por acontecer. Está aqui o Presidente da Comissão de Relações Exteriores, que é o órgão fiscalizador da Abin. A Abin, em vários depoimentos prestados aqui, diz que, internamente, praticamente não se envolve em nada que possa acontecer, mas que a política externa é acompanhada de perto. Será que fomos surpreendidos com esses projetos do Presidente da Bolívia ou já sabíamos que isso poderia vir a acontecer?

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Não. E o Presidente da República, quando mostrava simpatia pelo projeto eleitoral de Evo Morales, também já havia lido que uma das propostas de Evo Morales era, precisamente, fazer aquilo que ele chama de nacionalização das refinarias e dos investimentos estrangeiros. Para mim, o que houve, já que não houve desapro-

priação, porque não houve indenização, foi uma expropriação. Vamos apoiar os requerimentos, ampliando-os para todas essas novidades. A partir do próprio convite ao Ministro Celso Amorim, podemos fazer um debate de alto nível, que, certamente, engrandecerá uma manhã, uma tarde e, quem sabe, uma noite do Congresso Nacional. Seria bonito até que fosse no plenário, pois a Nação preferiria algo menos acanhado.

Com a palavra o Senador Heráclito Fortes.

O Sr. Heráclito Fortes (PFL – PI) – Serei bem rápido, Senador Arthur Virgílio. Apenas quero dizer que concordo plenamente com a proposta do Senador Romero Jucá e também com a do Senador Saturnino, para que possamos fazer reuniões em conjunto, envolvendo a Comissão de Infra-Estrutura e a Comissão de Relações Exteriores. Agora, nessa discussão, um questionamento que quero fazer...

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – E a Comissão de Assuntos Econômicos.

CONVITE AO “SOMBRA” DA POLÍTICA EXTERNA?

O Sr. Heráclito Fortes (PFL – PI) – E também a de Assuntos Econômicos. Seriam três Comissões. Mas eu gostaria de questionar: está se jogando muito a carga na política econômica do Ministro Celso Amorim, mas quero lembrar que o grande negociador do Governo para essas questões latino-americanas é o Sr. Marco Aurélio Garcia. Foi ele quem fez negociações, foi quem fez algumas articulações, que acho, inclusive, que, algumas vezes, chocam-se com a política do Ministério das Relações Exteriores. Mas, de qualquer maneira, creio que se deve examinar também

(Interrupção do som.)

O Sr. Heráclito Fortes (PFL – PI) – ... a pretensão de trazê-lo, Sr. Líder, para que preste esclarecimentos sobre as suas andanças, sobre a campanha e o seu convívio com o Sr. Morales. Muito obrigado.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Confesso, Sr. Presidente e Senador Heráclito Fortes, que não concordo muito com a figura do *sombra*, que não tem cargo oficial ou tem um cargo inventado, como é o caso do Sr. Garcia, que é um professor respeitado, que revela enorme curiosidade sobre política externa, sobre relações internacionais, mas que fala “para fora” quando sabemos que existe uma Chancelaria brasileira, o Itamaraty, preparado, competente, com tradição mais do que secular de acumular cultura em política externa.

Acredito que o melhor modelo foi o utilizado pelo Presidente Sarney, que tinha um assessor “para dentro” competentíssimo, que era do Itamaraty, o Embaixador Rubens Ricupero. Ele não falava “para fora”, não colidia com o chanceler da época, aconselhava o Presidente Sarney – isso era sábio da parte de Sarney – para ele se preparar, inclusive, para as conversas com os interlocutores de fora e para as próprias conversas críticas com seu chanceler. Mas não se via Ricupero nos jornais, na mídia. Não se via, àquela altura, Ricupero pontificando.

Creio que esse é um desajuste e não ajuda. Por mais que o Ministro das Relações Exteriores não admita, creio que isso não fortalece, não é o mais correto.

Tem razão V. Ex^a, Senador Heráclito Fortes.

AUTODETERMINAÇÃO NÃO ESTÁ EM CAUSA

Concedo o aparte ao Senador Roberto Saturnino e, em seguida, à Senadora Heloísa Helena.

O Sr. Roberto Saturnino (Bloco/PT – RJ) – Senador Arthur Virgílio, cumprimento o Presidente Renan Calheiros, porque está dando ensejo a que esta discussão se desenvolva por ser realmente de extrema importância no momento que estamos vivendo. A avaliação do que é bom ou ruim para o interesse boliviano é mais dos bolivianos do que nossa, não obstante tenhamos o direito de ter opinião sobre o que é bom para a Bolívia. Mas quem tem a última palavra é o povo bo-

liviano, que quis. A eleição do Sr. Evo Morales foi quase que um plebiscito a respeito da nacionalização do petróleo e do gás. Não há o que discutir. Há que se discutir as condições. O próprio Presidente deu um prazo largo para que se processe essa discussão. Recentemente, houve um problema de discussão de condições entre a Rússia e a Ucrânia a respeito do gás. Eles resolveram. Acredito que vamos também resolver com a Bolívia, ainda que haja algum prejuízo para a Petrobras, o que teremos de acatar. Na relação entre dois países fraternos existe o respeito à soberania. É do nosso total interesse esse projeto da comunidade de países americanos, sul-americanos especialmente, que o Presidente Lula está desenvolvendo. Creio que essa discussão é interessante. Vamos ter uma audiência pública nos moldes em que está sendo sugerido, o que é uma unanimidade. Só quero dizer uma palavra em relação ao que disse o Senador Romeu Tuma quanto à presença do Exército. Na Bolívia, ultimamente, tem havido muita reação popular de depredação, de ocupação de estradas. Trata-se de uma medida cautelar do governo boliviano de proteger as instalações de uma manifestação qualquer, incontrolável, do povo, tendo em vista que esse, como disse, foi um item plebiscitário na eleição do Sr. Evo Morales.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senador Roberto Saturnino, debater com V. Ex^a é sempre muito construtivo para mim, até porque temos visões diferentes, não em relação à questão democrática, mas em relação à questão econômica.

O Sr. Roberto Saturnino (Bloco/PT – RJ) – Para mim também.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado.

Tenho a impressão de que o governo boliviano tem o direito, sim, de se autodeterminar, inclusive incorrendo no risco de – este é o meu ponto de vista –, por um erro histórico, isolar-se da comunidade internacional.

QUESTÃO DE COERÊNCIA

Procuo manter a coerência, como vejo que V. Ex^a mantém a sua coerência, e meu modo de formular o pensamento econômico me diz que errava o PT quando condenava o Governo passado por recorrer ao FMI – era preciso, a meu ver – e quando devolvia antecipadamente os recursos que não usava.

Apoiei, até contra a opinião de vários companheiros da Oposição, o Ministro Palocci quando resolveu quitar de uma só vez o débito com o FMI, por entender que tínhamos nas nossas costas, na nossa garganta, uma certa espinha, que era aquela moratória e mais a bancarrota dos anos 70. Eu considerava que era preciso começar efetivamente a limpar o Brasil como um país cumpridor de contratos.

Apoiei de novo o Governo brasileiro, já não foi na era Palocci, mas na era Guido Mantega, quando o Governo brasileiro resgatou os *bradies*. Ou seja, cada vez mais o Brasil procura, por meio de sucessivos governos – dois anteriores e este –, posicionar-se bem perante os mercados internacionais. Trata-se de um país que vai aos poucos podendo se credenciar a, quem sabe, em 2008 – é o meu cálculo – virar um país com alto grau de investimento, *investment graded*. Isso vai significar menos juros, investimentos mais fartos e mais seguros. É a visão que tenho do mundo, que se choca com a visão de V. Ex^a e com a visão da Senadora Heloísa Helena, o que não me faz respeitar menos V. Ex^{as}. Mas a Bolívia pode e deve autodeterminar-se.

O Brasil, em se sentindo no prejuízo, precisa saber que a Corte de Haia está à sua disposição, que ela poderá, por exemplo, arbitrar pesada indenização a ser paga ao Brasil pelo governo da Bolívia. Analisando a economia da Bolívia, vejo que ela estaria com problemas, porque pura e simplesmente não tem dinheiro para arcar com os investimentos que ali foram feitos.

No entanto, torço pelo entendimento, que começaria, a meu ver, com uma posição firme da Chancelaria brasileira e do Governo brasileiro.

Agradeço a V. Ex^a, Senador Roberto Saturnino.

POEMA DO PROBLEMA QUE NÃO ACABA

Concedo o aparte à Senadora Heloísa Helena e, depois, aos Senadores Gilberto Mestrinho e Juvêncio da Fonseca.

A Sr^a Heloísa Helena (PSOL – AL) – Senador Arthur Virgílio, quero apenas fazer um apelo a V. Ex^a, como um dos autores do requerimento, para que possamos fazer esse debate no plenário do Senado Federal, o que seria muito importante. Nesses momentos, as pessoas não se escondem da sua posição ideológica e da sua concepção de soberania nacional, de autodeterminação dos povos, de interesse público, das relações com os contratos, do significado do equilíbrio econômico-financeiro, que, às vezes, é lesivo ao interesse público, do significado de um Governo conspirar contra os interesses de seu próprio país. Como uma boa patriota, brasileira que ama o meu Brasil, quero estar aqui, do mesmo jeito que V. Ex^a, para fazer esse debate.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Não tenho dúvida alguma disso.

A Sr^a Heloísa Helena (PSOL – AL) – Apelo a V. Ex^a para que façamos todos os esforços, sem esquecer de outro que precisa vir aqui, que é o Ministro – são tantos os problemas do Brasil que, como dizia Fernando Pessoa, a mecânica da vida se encarrega de nos fazer esquecer coisas que são preciosas. Portanto, esse é o apelo que faço a V. Ex^a, de coração. É claro que, em qualquer comissão, vou poder me inscrever também, depois de todos os titulares e de todos os suplentes. Em função da farsa do processo de expulsão a que fui submetida, não sou membro, nem titular, nem suplente, de nenhuma comissão. É claro que, se houver o debate na comissão, esperarei pacientemente, como uma boa brasileira, uma boa patriota, todos os titulares, todos os suplentes. É o apelo que faço a V. Ex^a.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Senadora Heloísa Helena, para mim, o debate deve ser feito no plenário do Senado, que é mais amplo, reunindo todas as comissões, até por uma questão de espaço físico e, sem dúvida alguma, pela sole-

nidade de que vamos impregnar esse gesto de respeito à Nação brasileira. V. Ex^a fala dos problemas.

Outro dia, Senador Tião Viana, li um poema muito interessante: “Certos problemas não acabam, e, no fim de semana, Seu Problema sai com Dona Problema, levando para passear a sua cria de probleminhas”.

MORALES E O FUTURO DA BOLÍVIA

Concedo um aparte ao Senador Gilberto Mestrinho.

O Sr. Gilberto Mestrinho (PMDB – AM) – Nobre Senador Arthur Virgílio, lamentavelmente, o sistema de informações do nosso Governo é muito falho, nunca sabe das coisas. Quando Evo Morales foi candidato à Presidência, ele falou em Cochabamba, em Santa Cruz e em La Paz que queria fazer isso. Quem conhece a história do povo boliviano sabe da diferença que existe entre os 75% da população indígena, os cambas, e os brancos. Eles se queixam de uma secular exploração. Lembro-me de que, em 1952, quando Villaroel foi derrubado pelo MNR e enforcado em frente ao Palácio, houve na Bolívia processo quase semelhante a este, com a implantação, na época, da chamada “reforma agrária”. E eu me lembro da felicidade dos camponeses e índios no parque, em La Paz, onde estive a convite do então Ministro de Assuntos Camponeses, Ñuflo Chávez, que entregava os títulos de terra aos camponeses, um rifle e duzentos tiros para defender a propriedade. Com isso, houve o princípio de identificação do nacionalismo boliviano e da integração étnica da indiada, que é maioria absoluta na Bolívia. E essa população indígena, lamentavelmente, quando o MNR caiu e surgiram os governos de direita, voltou ao sacrifício. Agora, com a subida de Evo Morales, eles se julgam no poder. Não estão preocupados com dias melhores ou piores, querem mostrar que são maioria e vingar a exploração que sofreram. Infelizmente, estamos sendo vítimas, por falta de informação e de previsão também, desse processo. O ato lamentável do Presidente Evo Morales, que faz parte de um grupo que se forma na América do Sul e que vai ocorrer

amanhã também no Peru, com a possível vitória de Ollanta Humala, tudo isso acarretará problemas sérios para o País. Já existe o problema de fronteira entre a Argentina e o Uruguai, em que a Argentina proíbe o Uruguai de montar uma fábrica em seu território. Esse é um caso sério. Como disse o Presidente Renan Calheiros – vim do gabinete de S. Ex^a –, são necessárias medidas sérias e fortes. É preciso não apenas chamar aqui o rol de ministros, mas, sobretudo, o Embaixador brasileiro em La Paz, a fim de saber se eles informavam ao Governo brasileiro o que se formulava para esse ato, que não foi decidido na hora e nem na praça por Evo Morales. Anteontem, vi na televisão, na Telesul, a reunião entre Evo Morales, Fidel Castro e Hugo Chávez, em Cuba, os três reunidos, há três ou quatro dias.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – É dose para elefante.

O Sr. Gilberto Mestrinho (PMDB – AM) – A televisão mostrou. Canal 8, se não me engano, a NET. De repente, ele volta à Bolívia e adota as medidas. Não queremos explorar a Bolívia. Nosso investimento naquele país era legítimo, nós temos interesses comuns, essa é uma luta que vem desde os acordos de Roboré, que não foram adiante, foram denunciados à época, mas o interesse brasileiro tem de ser defendido com energia, mostrando que somos um País que também não pode sofrer afrontas. Muito obrigado, Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – V. Ex^a tem razão, Senador Gilberto Mestrinho.

Para mim, Chávez não é a melhor saída para a Venezuela. Para mim, Zapata não significava que o México deveria esperar. Para mim, Evo Morales não acrescenta a não ser retórica vazia, e não acrescentará nada à própria soberania de uma Bolívia que, nesse ritmo, poderá estar de joelhos, daqui a pouco, diante da comunidade internacional. É assim que eu prevejo, Senador César Borges.

BRASIL: ABRINDO MÃO DE LIDERANÇA

Senador Juvêncio da Fonseca, para encerrarmos.

O Sr. Juvêncio da Fonseca (PSDB – MS) – Senador Arthur Virgílio, a questão vai um pouco mais além, e é isso que me preocupa. O Presidente Lula é especialista em estelionato político. Lógico, se é especialista em estelionato político, promete e muda de posição e de rumo. Como companheiro do Presidente Morales, não poderia dizer que não articulou bem, porque Morales o enganou ou o fez de tolo, porque ele é experiente em questão de estelionato, inclusive diplomático. O que preocupa hoje é, como disse o Senador Gilberto Mestrinho, esse grupo que está se formando na América Latina e que não tem compromisso com a democracia, com a estabilidade, com o bom relacionamento democrático. Estamos vendo isso aqui no Brasil. Existe uma ação constante contra o agronegócio tumultuando a questão fundiária no País. Invasões de terra tumultuam a frente de trabalho de empresários do agronegócio. Será que o Lula acha ruim o que está acontecendo com a Petrobras ou, se tiver oportunidade, também pode desapropriar a Companhia Siderúrgica Nacional? Existe toda uma questão mais profunda em tudo isso. É como quem está enturmado: “Diga-me com quem andas e direi quem és”. Até aonde vai isso? Agora então, que existe um grupo na América Latina trabalhando nesse sentido, temos de ter muito cuidado, observando o rumo da nossa diplomacia.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, encerro respondendo ao Senador Juvêncio da Fonseca: V. Ex^a fala em Companhia Siderúrgica Nacional, mas no último encontro do PT, se não me engano, por 360 votos a 310, algo assim, uma votação bem apertada, perdeu a tese de propor ao Governo a reestatização da Companhia Vale do Rio Doce. Muito bem, hoje, Chávez tem influência real sobre a Argentina. Esse é um fato. A ajuda econômica é tão substancial que não teria como não haver uma influencia política razoável sobre aquele país. Kirchner começou muito bem, tinha Roberto Lavagna, que conferia ao país uma segurança econômica enorme. Já não vejo a mesma coisa

na atual Ministra, e vejo como um certo fogo de palha esse tal crescimento econômico avantajado que a Argentina apresenta, o que, para mim, não é crescimento econômico; para mim, é reposição daquilo que a Argentina perdeu em recentes anos de crise: 22% do seu PIB em poucos exercícios, quatro exercícios, se não me engano. E ainda não repôs isso. Ou seja, do momento da crise em diante, dez, doze, quinze anos, talvez, não sejam suficientes para a Argentina voltar ao ponto em que estava. Tomara que ela continue crescendo, mas o fato é que é fundamental a participação do capital, dos petrodólares venezuelanos lá.

Isso me preocupa muito. Preocupa-me porque Chávez se articula com Fidel Castro, sustenta a economia cubana de maneira significativa, e exerce uma influência pesada sobre o Presidente Lula, que me parece aceitar a liderança dele. Até física! Nós percebemos isso nos encontros: quando filmam, nós vemos o grande, Chávez, e o menor, o Presidente Lula. E nunca, Sr. Presidente, em nenhum momento, eu vi o Brasil abrir mão da sua liderança natural sobre a América do Sul. Esta é uma crítica que faço de maneira construtiva, porque é uma construção de *status* que está em jogo, e o Governo passa por um teste de fogo. Passa por efetivo teste de fogo. É um teste que vai mostrar a fibra, a racionalidade, a capacidade de recuperação e a capacidade de compreensão de um quadro internacional sofisticado que, até o momento, parece que não foi percebido de maneira crua pelo Governo que aí está, Sr. Presidente.

Muito obrigado por toda a tolerância, que só revela seu espírito democrático. Tomara que se vote. Mas percebemos que, hoje, o essencial não é...

DISCUSSÃO EM ALTO NÍVEL

O Sr. Eduardo Azeredo (PSDB – MG) – V. Ex^a me permite um aparte, Senador Arthur Virgílio?

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Pois não, Senador Eduardo Azeredo.

O Sr. Eduardo Azeredo (PSDB – MG) – Senador Arthur Virgílio, gostaria apenas de fazer mais uma intervenção. As pessoas viram hoje, pelas fotografias, que houve ocupação militar das instalações da Petrobras. Não se trata de algo tão simples assim, não se trata de uma questão ideológica apenas, mas da ocupação militar das instalações da Petrobras.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Pois é, tem razão V. Ex^a.

Encerro agradecendo mais uma vez a V. Ex^a por toda essa compreensão e pela sensibilidade política que nunca lhe faltou.

Hoje, poderíamos estar aqui votando uma medida provisória ou outra, já sabemos que esbarramos na terceira, porque o Senador Romero Jucá ainda não tem definição sobre ela. O nosso papel hoje não era votar medida provisória, mas discutir o tema efetivamente momentoso, o tema que afeta a economia brasileira a curto prazo e poderá afetar brutalmente a médio e longo prazos, e que ainda tem a ver com a estabilidade política, e nos interessa a estabilidade política da Bolívia. Este tema tem a ver com a estabilidade da Bolívia. Portanto, nada mais importante do que o Brasil mostrar que o seu Congresso, o seu Senado, são capazes da maturidade de discutir, no alto nível em que o fizemos, um tema de efetiva repercussão para a nossa sociedade, para o nosso futuro e sem dúvida para o nosso presente.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

LULA CAPITULA E SE REÚNE COM MORALES SOB TUTORIA DE CHÁVEZ

(Dia 3-5-2006)

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem encontro marcado amanhã, em Puerto Iguazu, ao lado de Foz do Iguaçu, com Evo Morales, da Bolívia; Néstor Kirchner, da Argentina; e Hugo Chávez, da Venezuela.

Pergunto: se o episódio da expropriação decretada pelo Governo da Bolívia envolve basicamente dois Presidentes, Lula e Morales, por que uma reunião com quatro Presidentes? Isso me dá idéia de menoridade política da parte do Presidente Lula. Ele precisa de dois assessores ou de dois líderes – não sei bem –, mas me parece menor de idade politicamente neste momento. Reunião de dois; para que quatro? Por que não a OEA inteira, se o assunto é mais grave? E, se não é grave – e ele fala que não é –, por que quatro?

Perguntar não ofende e, por isso, pergunto: por que uma reunião na fronteira Argentina–Brasil e não em Brasília ou até mesmo em La Paz, palco do conflito? Turismo no final de semana? Seria hora para isso? Repito, Senadora Lúcia Vânia: para que a presença de Kirchner e de Chávez nessa reunião?

Disse Dora Kramer no jornal *Estadão* (*O Estado de S. Paulo*) de hoje:

“(…) enquanto o Brasil ainda tenta entender – tergiversa e perde tempo – e a reunião na cidade turística de Foz é mais

uma tergiversação e perda de tempo – o Primeiro-Ministro espanhol, José Luis Zapatero, advertiu Morales sobre a gravidade e as conseqüências do seu gesto. Tomou posição.”

O Presidente faz turismo e o Primeiro-Ministro espanhol toma efetiva posição em defesa do seu povo, em defesa do seu país.

Mais notícias de Zapatero, da Espanha:

“A Espanha afirmou ontem que a nacionalização do petróleo pela Bolívia terá conseqüências na relação bilateral entre os países, ameaça que se pode traduzir em cancelamento do perdão de dívidas para o país sul-americano. O governo espanhol disse que estava profundamente preocupado com a decisão do Governo de Evo Morales e reclamou do modo como as mudanças foram realizadas.”

E do Governo chileno, da Líder socialista Michele Bachelet:

“O Governo do Chile também disse que se reuniria ainda esta semana com as empresas do país que operam na Bolívia para discutir a questão.”

Consta do editorial do mesmo *Estadão*:

“(…) o que falta, sobretudo, é uma posição do Presidente. Só não faltou a aloprada idéia de recorrer ao cúmplice e fiador do golpe de Morales contra a Petrobras, Hugo Chávez, para mediar a crise.”

UM GOVERNO INOCENTE

Dá até para entender o porquê dessa “alopraticice” de Lula. O Presidente brasileiro já não manda nada na América do Sul. Já não tem a menor influência no continente. Literalmente, o Brasil foi passado para trás. O Governo Lula, inocentemente, disse que evita confrontar e prefere negociar para evitar a elevação do preço do gás. A elevação do preço, porém, é inevitável, porque a Bolívia aumentou a tributação sobre o gás, de 50% para 82%.

O Governo Lula diz também que não há risco de racionamento de gás. Tal racionamento, porém, já está ocorrendo em função das chuvas, e considero inevitável que, no mínimo, alguém responsável sintasse preocupado com o fato que se desenha em relação ao abastecimento de gás para as nossas vidas e para as nossas indústrias.

Afirma, ainda, o Governo Lula que a Bolívia se comprometeu a não interromper o fornecimento do produto ao Brasil. Pode ser. Mas que garantia pode oferecer um país que historicamente troca de presidente como quem troca de camisa?

O Governo Lula precisa extrair dessa crise a lição que ela nos dá: o Brasil precisa reduzir a dependência de fontes energéticas externas. O Brasil, insisto, deve investir em suas próprias fontes. Cito um exemplo da minha província: o gás natural de Urucu, no Amazonas – completando, Senador Valdir Raupp, o gasoduto que não só iria para Manaus como também para a sua cidade, Porto Velho.

De igual modo, o País deve investir em energia eólica, para pequenas unidades, no álcool e, inclusive, no biodiesel – não no *marketing*, como vem sendo feito, mas como fonte alternativa de energia. Isso é cabível, isso é justo e é necessário.

INCERTEZA PARA AS EMPRESAS

O risco, porém, não é apenas de desabastecimento. Miriam Leitão diz que:

“(...) o risco maior é a incerteza das empresas consumidoras de gás. Elas se assustam com o despreparo e a improvisação do Governo brasileiro nas primeiras horas de uma crise que era previsível.”

Diz, ainda:

“Morales não leva em conta, mas a Bolívia perde muito mais; juntas, Petrobras e Repsol têm investimentos que representam um quarto do PIB boliviano, que é do tamanho do PIB de Duque de Caxias.”

E acrescenta:

“Para o mercado internacional, a Bolívia é um país em que não se pode confiar.”

O Governo brasileiro, segundo a imprensa, “reage com cautela”. Lula, ainda conforme a imprensa, “evita confronto e tenta conciliação”.

Com cautela, sim, mas que esta não se confunda com covardia. O Governo espanhol deu exemplo de reação ativa. Lula preferiu reconhecer no decreto de Morales “gesto de soberania da Bolívia”, mas deveria saber que soberania não existe para dar calotes.

Se essa moda pega – este é o alerta que faço à Casa, que certamente estará atenta a isso –, daqui a pouco, o Paraguai pode agir da mesma maneira em relação a Itaipu, o que traria consequências econômicas muito piores para a questão energética no Brasil.

O ministro boliviano da Casa Civil ainda tem a pretensão e, mais do que isso, o desprazer de dizer como o Brasil deve reagir: “Esperamos uma resposta moderada”, declarou ele.

INGENUIDADE É FALHA MORTAL

O Brasil foi generoso e simpático, nada disso adiantou. Diplomatas experientes já alertavam para o risco da nacionalização na Bolívia. Na verdade, foi mais do que nacionalização; foi expropriação. Não há a perspectiva de pagamento pelos danos econômicos e financeiros que causaram à poupança da Nação brasileira.

Há lições que devem ficar claras para o Presidente Lula e seu Governo: em política externa, ingenuidade é falha mortal; discursos de generosidade com a vizinhança não se traduzem em benefícios econômicos; e simpatias ideológicas não trazem benefícios diferenciados.

Apesar dessas advertências, o Presidente Lula, desde 2005, deslizou nesses três princípios ao lidar com a Bolívia. Agora,

amarga a transformação da Petrobras em mera prestadora de serviço naquele país.

O Brasil está em um beco sem saída pelo seu irrealismo nas avaliações. O Governo brasileiro virou refém da Bolívia. O continente está em crise política.

Na verdade, o Governo Lula – e, por extensão, lamentavelmente, o Brasil – está mais nas mãos de Chávez do que de Morales. Importante revista norte-americana publica a lista dos cem maiores líderes mundiais, e a América do Sul entra com um nome: Hugo Chávez. Lula está de fora.

Hoje de manhã, recebi telefonema de um pernambucano, Antônio Gusmão, dizendo estar desconfiado de que teremos nova versão do valerioduto – seria, segundo ele, um “bolivioduto”. Explica-se: o prazo do decreto de Morales é de seis meses para a renegociação do contrato da Petrobras, tempo que falta para as eleições no Brasil. Isso teria o objetivo de proporcionar a Lula alguma vantagem eleitoral. É o que imagina Antônio Gusmão.

Não consigo ver vantagem eleitoral para o Presidente, se percebemos que tem sido tibia a sua ação nesse episódio. Vejo, sim, que Morales pode estar, irresponsavelmente, pensando nas eleições constituintes do seu país e jogando demagogicamente, acenando com algo que não pode durar, porque não é sustentável, para vencer as eleições e, quem sabe, mergulhar no imponderável a república boliviana logo a seguir.

CONTRATOS DEVEM SER CUMPRIDOS

Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, o governo dos Estados Unidos disse que a ação unilateral de Morales prejudica a própria Bolívia. A preocupação dos norte-americanos é com o cumprimento dos contratos. A preocupação do Governo brasileiro deve ser com a exigência do cumprimento dos contratos. As empresas privadas não podem ficar em desvantagem em função dos movimentos de um governo.

Bem a propósito, repito, na lista das cem maiores personalidades mais importantes do mundo, escolhidas pela revista *Time*, Lula nela não figura nem de leve; Hugo Chávez, estranhamente, sim.

Um acerto da *Time*: defenestrou Lula. Acertadamente.

Um erro da *Time*: incluiu Chávez. Erradamente, portanto.

Novas aspas para o *Estadão*:

“Só os nefelibatas de Brasília não se deram conta de que Morales rifou o Presidente Lula, que cometera a impropriedade diplomática de apoiar ostensivamente sua candidatura à Presidência do país vizinho.”

E mais, ainda o *Estadão*:

“Ele – Morales – já deixou claro que seus ídolos e gurus são Chávez e o ditador cubano Fidel Castro. No sábado, os três se reuniram em Havana, para celebrar o eixo de três pontas.”

É muita estupidez! Estupidez, sim! Do Governo Lula, é claro!

Ele não sabe o que faz. Vira a casaca ao sabor não dos ventos, mas de suas conveniências ufanistas. Leio o que Lula disse, em dezembro, antes das eleições na Bolívia. Aspas para mais uma genialidade do nosso Presidente:

“Imagine o que significa a eleição de Chávez na Venezuela...” – dizia Lula.

Quero refrescar a memória da Nação:

“... Imagine o que significa ao Evo Morales ganhar na Bolívia...”

Aí dizia Lula ainda:

“São mudanças tão extraordinárias que nem nossos melhores cientistas políticos poderiam escrever.”

Ele deveria ter dito “poderiam prever”.

LULA TORCIA PELA VITÓRIA DE MORALES

O Presidente Lula estava ansiando pela vitória do homem que depois confiscaria os bens da Petrobras e interesses brasileiros em solo boliviano.

Mais aspas para o *Estadão*, num epitáfio do que poderia restar de esperanças para salvar Lula de mais um fiasco. Diz o *Estadão*:

“Era fatal que Morales fizesse o que fez. Por uma fatalidade, o Brasil tem neste momento um Presidente sem descortino político-diplomático e uma diplomacia movida por suas ambições fantasiosas.”

Tanto não tem descortino nem grandeza que, tolamente, vem, não é de hoje, demonstrando o maior aconchego a ditadores.

Agora, incorpora-se a esse ultrapassado triunvirato sem divisar que o futuro do Brasil não passa por aí.

Antes de encerrar, leio notícia que acaba de ser divulgada nos jornais *on-line*. O texto é o seguinte:

“Lula descarta crise e reafirma direito à soberania da Bolívia.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva voltou a defender o direito da Bolívia de decretar a nacionalização do setor de gás e petróleo e afastou a possibilidade de crise entre os dois países.”

Não contente, Lula se mostra bonzinho – ou finge ser bonzinho – e completa:

“Existirá um ajuste necessário de um povo sofrido e que tem o direito de reivindicar maior poder sobre sua maior riqueza”, afirmou Lula em discurso na cerimônia de abertura da 16ª Reunião Regional Americana da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

PREOCUPAÇÃO COM A POBREZA EXTERNA

Para mim, preocupar-se com o que vai passar ou não a Bolívia é quase um crime de lesa-pátria. A Bolívia vai passar o pior dos mundos a partir da crise que, inevitavelmente, marcará a trajetória desse governo insensato do Presidente Morales.

Mas a preocupação principal e primordial do Presidente Lula é manter sua casa arrumada, sua economia funcionando, para, a partir daí, sim, poder se preocupar com seus vizinhos, não da forma tola como faz.

Indago: Presidente Lula, não está na hora de olhar menos para a pobreza externa? A pobreza no Brasil já é suficiente para movimentar ações em favor das populações nacionais, daqui, da terra!

Basta, Lula!

E ele, insensatamente, diz mais:

“Não tem crise entre Brasil e Bolívia e não existirá crise.” E vai se reunir com o colega boliviano, Evo Morales, em Puerto Iguazu, na quinta-feira. Participarão do encontro também os Presidentes da Argentina, Néstor Kirchner – como eu já havia dito –, e da Venezuela, Hugo Chávez.

Não consigo entender por que essa coisa de babás internacionais ao lado. Não consigo entender. Falta agora uma chupeta. Não consigo entender por que essa menoridade. Por que não se reúne com Evo Morales e decide, de país para país, que se revogue o absurdo praticado contra o interesse brasileiro?

GOVERNO LULA DIZ SER DIREITO DA BOLÍVIA!

Na véspera, o Palácio do Planalto divulgou nota reconhecendo a soberania da Bolívia em decidir sobre os ativos do gás, a maior riqueza do País. Ao invés de a Bolívia dizer que julga que é do seu direito fazer o que fez – e seria se pagasse a indenização que passou a nos dever –, é o Presidente Lula que justifica a violência sofrida pela Petrobras, pelos acionistas da Petrobras, pela poupança do povo brasileiro. O Brasil quer, no entanto, negociar preço para o insumo, importante para a indústria e a classe média do País. Essa é a desculpa oficial.

Vou dizer, Sr. Presidente – ainda disponho de algum tempo –, que, para mim, as coisas estão muito claras. O Presidente Lula revela-se, politicamente, muito menos preparado do que o Presidente Hugo Chávez. É só percebermos o tamanho de um e

de outro em uma reunião internacional para sabermos que, com toda aquela capacidade de ser bufão, o Presidente Chávez tem estratégias e se move, portanto, como um bom estrategista.

O Presidente Chávez, a meu ver, age claramente para enfraquecer a liderança do Brasil no continente sul-americano, procura expandir a sua influência para segmentos da América Latina, a começar pelo Governo cubano. Ele auxilia, economicamente, a Argentina, dilapidando “petrodólares”, e não faz absolutamente nada, Senador José Agripino, que resulte em um bom futuro para a nação venezuelana. Aposto que Chávez joga para enfraquecer a liderança do Presidente Lula, joga para enfraquecer a liderança do Brasil na América do Sul. Chávez tem uma cabeça hegemônica. Inteligente – o que todos sabemos que ele é – e preparado, com mestrado em Ciência Política – o que não sei se é do conhecimento de todos –, ele tem sua estratégia, que dificilmente vai dar certo para a Venezuela. Eu o vejo como mais um governante desastrado, que passa pelo Governo e não usa os “petrodólares”, que não usa um bem natural não-renovável para dar o grande salto na direção do desenvolvimento de seu país. Ele é mais um. Peres Jiménez fez a mesma coisa; os que foram eleitos pelo voto popular fizeram a mesma coisa. A Venezuela é um país infeliz, a meu ver, porque não houve, até agora, um presidente que fosse capaz de realizar as reformas estruturais de que carece aquele país para dar o seu grande salto usando o petróleo como tempo político para criar novas economias e reduzir a dependência desse produto de base tão essencial hoje e que deveria ser cada vez menos relevante num PIB que teria de ter se agigantado para que pudéssemos pensar melhor numa Venezuela mais independente, numa Venezuela que amanhã, caducando, porque outras fontes superariam o petróleo ou porque ele acabaria, pudesse sobreviver sem a dependência, que hoje é brutal, total, desse produto de base.

CONCORDÂNCIA COM JOSÉ AGRIPINO

Ouç o Senador José Agripino (*Líder do PFL*), com muito prazer.

O Sr. José Agripino (PFL – RN) – Senador Arthur Virgílio, V. Ex^a sempre faz um pronunciamento de alto nível, de avaliação de parlamentar preparado que é, de avaliação da situação do continente, que preocupa V. Ex^a como preocupa a mim. Digo a V. Ex^a que estou muito preocupado com o nosso Mercosul. Na minha opinião, nosso Mercosul está correndo o risco de se desmilingüir. Poucas pessoas se aperceberam de que a Bolívia é Mercosul. A Bolívia acabou de expropriar bens que pertencem à Petrobras, quase que uma propriedade do Governo do Brasil, uma estatal poderosa, que comprou refinarias, que agora foram expropriadas por um sócio do Brasil no Mercosul. Vejam que loucura: dentro do Mercosul, a Bolívia expropria propriedade do sócio Brasil. Sócios do Mercosul estão se digladiando. A Bolívia perde o respeito pelo Brasil, o sócio maior; o Uruguai e a Argentina estão vivendo uma crise perigosa e a Venezuela, por intermédio do seu Presidente, troca desaforos com um candidato a Presidente do Peru, e o Presidente da Venezuela insuflando tudo. O Pacto Andino já se foi. Esse já era. Digo isso lamentando muito, porque o nosso continente é a América do Sul, não é nem a América Latina. Nosso continente não é Honduras, não é Panamá, não é México, não é Costa Rica; o nosso continente é Venezuela, Guianas Francesa, Holandesa, Inglesa, Equador, até à Argentina. E nós estamos nos desmilingüindo, por força do que V. Ex^a está apreciando, de um líder, chamado Hugo Chávez, que passou a perna em todos os outros. Hoje, no Uruguai se fala em Hugo Chávez. No Brasil, esse homem é notícia dos jornais praticamente todos os dias. Por conta de quê? Dos “petrodólares”. Da PDVSA. A PDVSA pertence fundamentalmente à República da Venezuela. Os investimentos, o dinheiro para atender à pobreza venezuelana, como aqui, também é cultivado à base da dependência, pois a ela se oferece porta de entrada, sem porta de saída; os programas sociais se dão com porta de entrada, sem porta de saída. É a ação de Hugo Chávez, que subjuga consciências, que se mantém no poder e que agora, com o dinheiro da PDVSA, com os dólares do petróleo, cotado a US\$75,00 o barril, faz um mimo ao Equador, ao Paraguai e à

Bolívia, oferecendo um presentinho aqui, outro acolá, desempenhando um papel que deveria ser nosso, do Brasil, mas que não está sendo por incapacidade de liderança. E o Brasil vai acordar para isto: incapacidade de exercer naturalmente a liderança, porque liderança não se impõe, mas se exerce, ou não acontece. Por falta de liderança do Presidente do Brasil, que se chama Luiz Inácio Lula da Silva. Cumprimento, pois, V. Ex^a, Senador Arthur Virgílio, por levantar este assunto, que tem de ser abordado,...

(Interrupção do som.)

O Sr. José Agripino (PFL – RN) – Tem de ser abordado, Senador Arthur Virgílio, para que possamos estabelecer o debate. Não tenho nada contra Hugo Chávez pessoalmente, mas tenho tudo a favor do Brasil. Quero que a América do Sul se mantenha em equilíbrio e não haja uma proeminência – que, a meu ver, não é positiva – exercida à base de petrodólar e que está fragmentando a relação que sempre existiu, mais sólida, mais consistente ou não, na América do Sul, e que está se desmilitando na briga da Argentina com o Uruguai, no conflito, agora, Brasil/Bolívia – que, muito embora seja negado, é real, realíssimo – e na desavença clara e escrachada da Venezuela com o Peru. Cumprimento V. Ex^a com estes meus comentários.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado, Senador José Agripino.

Mas encerro, Sr. Presidente, respondendo ao Senador José Agripino, em concordância, e dizendo que algo de mais grave acontece. Está nascendo uma Alca nas costas do Brasil. O Chile, como país associado, faz – e faz muito bem – acordo com os Estados Unidos e com o Mercosul. O Chile sabe muito bem o que faz; quem não está sabendo o que faz é o Governo brasileiro.

O Uruguai, parece-me que cansado dessa lengalenga do Mercosul, desse terceiro-mundismo do Presidente Lula, pretexta uma desavença com a Argentina. No fundo, no fundo – e deixou claro Tabaré Vasquez na sua declaração de hoje aos jornais –, quer buscar outros mercados, outras opções.

O Brasil se fechou para a Alca, ideológica e tolamente, e está nascendo uma Alca nas costas do Brasil. Uma Alca sem o Brasil. O Brasil corre o risco de ficar isolado, o Brasil corre o risco de não se definir, o Brasil corre o risco de se perder na falta de liderança.

Para mim, é praticamente um crime de lesa-pátria um presidente da República dizer que é correta a atitude de um outro país que confisca, expropria bens que pertencem ao povo brasileiro.

Esta é a opinião que, lamentavelmente, tenho a expender no plenário desta Casa, para análise desta Nação.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

SOBRE A CAPITULAÇÃO DE LULA NO CASO BOLÍVIA

(Dia 4-5-2006)

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Enquanto o Senador Suplicy se dirige à tribuna, eu gostaria de – até porque não se trata de um requerimento comum – lealmente vê-lo debatido. Podia passar assim na base do senta e levanta, e não é isso o que quero; quero o debate sobre o requerimento que apresentei, pedindo transcrição nos *Anais do Senado* do editorial da edição de 4 de maio de 2006 do jornal *O Estado de S. Paulo*, intitulado “A Capitulação do Planalto”, em que é reprovada a postura do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao concordar em reunir-se com o Presidente Evo Morales, da Bolívia, hoje, 4 de maio de 2006, em Puerto Iguazu, Argentina, sob a tutela do Presidente da Venezuela, para exame da expropriação de instalações da Petrobras na Bolívia.

Então, argumento, com base no art. 210, II, do Regimento Interno, para que, ouvido o Plenário, seja transcrita nos *Anais do Senado* a íntegra do editorial publicado nesses termos, ou seja, criticando a postura do Presidente. Que esse requerimento não passe sem que as lideranças do Governo dele se apercebam. Que passe depois de o Senado debater, e depois de o Senado se conscientizar de que houve – e está havendo mesmo – uma atitude tibia, frágil, por parte do Senhor Presidente da República, no episódio da expropriação de bens brasileiros pelo tresloucado Presidente da Bolívia.

Portanto, está na Mesa, e, no momento oportuno, iríamos ao debate sobre isso. Eu não gostaria que a matéria passasse sem essa frontalidade.

Obrigado.

LULA FOI BUSCAR LÃ E SAIU TOSQUIADO

(Dia 4-5-2006)

O SR. PRESIDENTE (Gilvam Borges. PMDB – AP) – Concedo a palavra ao Senador Arthur Virgílio. V. Ex^a dispõe de cinco minutos.

Prorrogo a sessão por mais 25 minutos.

V. Ex^a tem a palavra, Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, acabo de apresentar à Comissão de Relações Exteriores requerimento acrescentando o nome do Embaixador brasileiro em La Paz, Antonino Mena Gonçalves, para prestar esclarecimentos aos senadores sobre o que viu nesse episódio do confisco de bens brasileiros em La Paz.

Vou procurar ser telegráfico, para obedecer à determinação da Mesa de falar em apenas cinco minutos. Registro o fim melancólico da Conferência de Iguazu. O Presidente Lula se ampara em Chávez e em Néstor Kirchner – não sei para que os dois estejam lá –, e, ao contrário de endurecer o seu diálogo político com a Bolívia e defender o interesse brasileiro, o que é dever dele, diz que vai ajudar a Bolívia, pensando ele que ajudar a Bolívia é ajudar as trapalhadas do Presidente Evo Morales. Não é.

O líder, hoje, da América do Sul, por mais que isso seja obscuro, é o Sr. Chávez. Quem reconhece isso é a revista *Time*, que coloca Lula fora dos cem mais relevantes personagens do mundo.

PETROBRAS QUER ENDURECER; LULA, NÃO

Mas vejo, Sr. Presidente, uma grande contradição entre o que anuncia o Presidente da Petrobras, Dr. Gabrielli, que diz que vai endurecer, deixando de investir na Bolívia até isso se resolver, e, desautorizando a Petrobras, Lula diz que não, que vamos continuar investindo.

Vou pedir a V. Ex^a que faça constar dos *Anais* da Casa matéria da revista *Veja On-line*, em que o venezuelano Chávez mostra apoio total à Bolívia, diz que é amigo de Lula, que pensa que existe amizade em política externa. Não existe. Friamente, o que existe é o interesse de cada nação. Cada um defende o seu com tranqüilidade, com luta, com força, com fé! Chávez joga o tempo inteiro para enfraquecer a liderança de Lula, e Lula, tanto quanto no caso da corrupção, parece que não sabe de nada.

Do mesmo jeito, peço que seja incluída nos *Anais* matéria da *Folha On-line*, que diz: “Bolívia pede explicações ao Brasil sobre ingresso de policiais no País”. A situação está mais quente.

Solicito ainda que conste dos *Anais* o inteiro teor desse pronunciamento, Sr. Presidente, que passo a resumi-lo para V. Ex^a.

O SR. PRESIDENTE (Gilvam Borges. PMDB – AP) – V. Ex^a será atendido conforme o Regimento, para que essas matérias possam constar dos *Anais*.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Obrigado.

Quando o Presidente Lula fala em integração, é de se perguntar: que integração ele quer?

À la Chávez?

À la Morales?

À la Lula? Que integração é essa? Ele está perdendo o Uruguai no Mercosul.

Morales está arrogante, diz que a nacionalização é uma decisão soberana, mas, se ele não pagar pelo que nacionalizou, aí é confisco, é expropriação. Todavia, se uma Corte como a de Haia for acionada, vai ficar bem patente algo simples: a Bolívia não

tem dinheiro para pagar a dinheirama toda que a Petrobras investiu lá. Ele está excluindo a Bolívia do cenário internacional, marginalizando-a do mundo atual, porque não há quem tenha coragem de investir num país que mostra esse nível de insegurança em relação a cumprimento de contratos.

LULA ACEITA PAPEL SUBALTERNO

Vejo o Embaixador Rubens Ricupero, grande homem público, brasileiro, indignado, chamando tudo isso de despropósito. Mas não sei como o Presidente Lula, tão vaidoso, tão cioso de uma suposta liderança subcontinental, aceita esse papel subalterno em relação a Chávez.

Vejo que o correto é se trazer o Embaixador Antonino Mena Gonçalves para cá, deixando lá um encarregado de negócios *ad interim*. Não se mandaria para lá logo o novo Embaixador, Frederico Araújo – os dois são competentíssimos –, para mostrar ao Governo boliviano a nossa insatisfação. Mais ainda: jogar duramente, ameaçar com sanções econômicas, ameaçar com a ida à Corte de Haia, a uma corte arbitral de Nova York, como sugerido pelo Presidente da Petrobras, Dr. Gabrielli.

Sr. Presidente, eu gostaria de pedir ainda que a coluna de hoje de Miriam Leitão, intitulada “É o cúmulo”, seja também inserida nos *Anais*, juntamente com este discurso e com a matéria do Caderno Econômico, de Jander Ramon e Tânia Monteiro, que diz: “Ao chegar ao encontro, Chávez fala sobre integração do continente”.

Encerro, dizendo que o noticiário *on-line* do jornal *El Clarín*, de Buenos Aires, dá uma idéia da submissão a que se prestou o Presidente Lula. Ele foi buscar lá e saiu tosquiado. Esperava que Chávez para ali fosse como tutor da Bolívia, mas nada disso aconteceu. Pensou que iria para aliviar tensões. Ao contrário, Lula levou uma verdadeira pancada na moleira, tendo sido obrigado a ouvir o venezuelano chamar a Petrobras de chanta-

gista. Foi o que ouviu do Sr. Chávez: que a Petrobras era uma empresa chantagista.

Há um noticiário no jornal argentino que não deixa dúvidas em relação a esse grande vexame internacional do Presidente Lula. E peço também que vá para os *Anais* da Casa. “No último momento los presidentes interrompieron o debate em la cupula del gas.” Os presidentes interromperam o debate na cúpula do gás. Um fim melancólico para tratativas que revelam a falta de liderança e de comando de um Presidente que mostrou que tem canela de vidro e queixo de vidro – já que falávamos de Popó há pouco –, para enfrentar uma crise de grande monta. Amarelou, é a verdade. Não revelou a segurança de que o Brasil careceria para olhar em Sua Excelência a figura de um presidente da República capaz de mostrar que defende os interesses dos brasileiros. Ele parece mais preocupado em, de maneira sindical, justificar a Bolívia, ao invés de firmemente defender o interesse do povo que o elegeu. É a poupança do povo brasileiro que está enfiada sem futuro na Bolívia.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Diplomacia pessoal

“A diplomacia pessoal, conduzida diretamente pelo Presidente da República em contato com outros chefes de Estado e governo, pode ser um poderoso e útil instrumento de política externa. Mas, para que isso aconteça, é preciso que ela tenha uma linha muito bem definida em torno dos princípios e valores nacionais e dos interesses concretos do País. Quando a diplomacia presidencial reflete, em primeiro plano, apenas os interesses ou as idiossincrasias do chefe de governo ou as do grupo que o aconselha, o resultado é quase sempre desastroso.”

(O Estado de S.Paulo, editorial, pág. 2, 18/12/2006)